

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Patrícia Mousquer

**Biblioterapia na Escola de Educação Infantil:**  
estudo de caso na E.M.E.I. Ilha da Pintada

**Porto Alegre**

**2011**

Patrícia Mousquer

**Biblioterapia na Escola de Educação Infantil:**

estudo de caso na E.M.E.I. Ilha da Pintada

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dnda. : Eliane Lourdes da Silva Moro

**Porto Alegre**

**2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto  
Vice Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
Diretor: Prof. Espec. Ricardo Schneiders da Silva  
Vice Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria M. Moura  
Chefe Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Elisa Caregnato

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )**

M932 Mousquer, Patrícia  
Biblioterapia na escola de educação infantil : estudo de caso na E.M.E.I. Ilha da Pintada / Patrícia Mousquer ; Orientação [por] Eliane Lourdes da Silva Moro. – Porto Alegre., 2011.  
  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – UFRGS, 2011.  
  
1. Biblioterapia 2. Contação de Histórias 3. Educação Infantil 4. Literatura Infantil 5. Medos na Infância 6. Bibliotecário-Mediador I. Moro, Eliane Lourdes da Silva. II. Título.  
  
CDU 615.85:373.22

Departamento de Ciências da Informação  
Rua: Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 507  
CEP: 90035-007  
Tel: (51) 3316-5143  
Fax: (51) 3316-5435

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Patrícia Mousquer

### **Biblioterapia na Escola de Educação Infantil: estudo de caso na E.M.E.I. Ilha da Pintada**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 05 de maio de 2011.

#### **Banca Examinadora**

---

Profa. Dnda. Eliane Lourdes da Silva Moro  
Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Iara Conceição Bitencourt Neves  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Lizandra Brasil Estabel  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul. Campus  
Porto Alegre

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Caminho de França  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul. Campus  
Porto Alegre

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho à Deus e à minha família,  
principalmente à minha mãe.  
Aos sujeitos de minha pesquisa e a todas  
crianças com seus sonhos e imaginação.

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, a professora Eliane Moro que não mediu esforços para a realização deste trabalho.

Às professoras Iara Conceição B. Neves, Lizandra Brasil Estabel e Maria Cristina Caminho de França por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

***“E o início, você sabe, é sempre a parte mais importante, principalmente quando se trata de algo novo e tenro. Essa é a época em que o caráter está sendo moldado e facilmente absorve qualquer impressão que se possa desejar estampar nela.”***

***Platão***

## RESUMO

O presente trabalho apresenta o estudo de caso realizado com crianças na faixa etária dos 3 anos matriculadas na E.M.E.I. Ilha da Pintada no município de Porto Alegre. Apresenta referencial teórico baseado nas fases do desenvolvimento infantil e a contribuição da literatura infantil como suporte para realização da biblioterapia com crianças consideradas em estado de vulnerabilidade social. Aborda temas como os medos na infância, o papel de mediação do profissional bibliotecário e sua contribuição social na tentativa de apaziguar as tensões vivenciadas pelos sujeitos do estudo. O objetivo deste trabalho ancora-se na tentativa de superação dos medos mais comuns na infância como medo do escuro, de bruxa, monstro, lobo e de tempestade com o auxílio de livros infantis que abordem tais temas. Estudo qualitativo que se desenvolveu com a coleta dos dados através da observação participante e de entrevista semi-estruturada. Conclui que as representações sociais como a família é um dos maiores sonhos das crianças pesquisadas mesmo aquelas as quais não vivem sob o mesmo teto independente de serem preteridas ou não por seus genitores. Desta forma, a literatura infantil auxilia na superação dos medos na infância onde o enredo aborde temas relacionados aos medos mais comuns na infância os quais além dos medos fantasiosos como de algum tipo de animal como o lobo ou pela insegurança de estar em um lugar escuro, mesmo sendo seu quarto. Sendo assim, a biblioterapia contribuiu na superação destes temores uma vez que nas histórias contadas a catarse que é o alívio da tensão vivenciada diariamente ocorreu, fato demonstrado através de brincadeiras e sorrisos com a pesquisadora gerando um momento descontraído e cheio de diálogo entre o grupo observado. Além disso, o profissional bibliotecário deverá assumir cada vez mais seu papel social através da disseminação da informação especializada em todos os meios principalmente aqueles sujeitos os quais não dispõe de acesso a esse tipo de material, inclusive o bibliotecário deverá fazer parte de equipe interdisciplinar nas escolas onde possa contribuir na seleção de materiais de qualidade como os livros infantis que deverão estar embasados no projeto político pedagógico da instituição vinculada e da realidade dos alunos.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Contação de Histórias. Educação Infantil. Literatura Infantil. Medos na Infância. Bibliotecário-Mediador.



## ABSTRACT

This paper presents a case study conducted with children aged 3 years enrolled in EMEI Ilha da Pintada in Porto Alegre. Presents the theoretical framework based on stages of child development and contribution of children's literature as support for implementation of bibliotherapy with children considered to be in a state of social vulnerability. Covers topics such as childhood fears, the mediating role of librarians and their contributions in an attempt to appease the tensions experienced by study subjects. This work is anchored in an attempt to overcome the most common childhood fears such as fear of the dark, witch, monster, wolf and storm with the aid of children's books that address such issues. This qualitative study was developed with data collection through participant observation and semi-structured interview. Concludes that social representations as the family is one of the biggest dreams of the children surveyed even those which do not live under one roof, whether they are crowded or not their parents. Thus, children's literature helps to overcome the fears in childhood where the plot deals with subjects related to the most common childhood fears which besides fears as fanciful as some kind of animal like the wolf or the insecurity of being in a dark place, even though your room. Thus, bibliotherapy helped in overcoming these fears since the stories that catharsis is the release of tension was experienced daily, a fact demonstrated by smiles and jokes with the researcher creating a relaxed moment and full of dialogue between the observed group . In addition, the librarian must assume increasingly social role through the dissemination of specialized information in all media especially those subjects who lack access to such material, including the librarian should be part of the interdisciplinary team in schools which might contribute to the selection of quality materials such as children's books that should be grounded in political and pedagogical project and of the institution to the students' reality.

**Keywords:** Bibliotherapy. Storytelling. Early Childhood Education. Children's Literature. Childhood Fears. Librarian-Mediator.

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1-	Imagem da capa do livro “A Coruja que Tinha Medo do Escuro”,	p. 48
Fig. 2-	Imagem da capa do livro “Histórias de Bruxa Boa”,	p. 50
Fig. 3-	Imagem da capa do livro “O Domador de Monstros”,	p. 51
Fig. 4-	Imagem da capa do livro “Chapeuzinho Amarelo”,	p. 53
Fig. 5-	Imagem da capa do livro “Quem Tem Medo de Tempestade?”,	p. 55
Fig. 6-	Cena do diálogo entre a lua e a coruja	p. 65
Fig. 7-	Sexta cena retratada no livro “O Domador de Monstros”,	p. 66
Fig. 8-	Décima cena retratada no livro “O Domador de Monstros”,	p. 67
Fig. 9-	Imagem da capa do livro “O Domador de Monstros”,	p. 67
Fig.10-	Cena onde aparece Chapeuzinho Amarelo enfrentando seu maior medo	p. 68
Fig.11-	Cena onde a menina encontra “abrigo” na cama de seus pais,	p. 70

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais características dos sujeitos do estudo	p. 60
Quadro 2 - Respostas das entrevistas realizadas com os sujeitos do estudo	p. 61

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1 - IDHM das regiões e posição em relação ao IDHM, 1991 e 2000, p. 42

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL</b>	16
<b>3</b>	<b>A BIBLIOTERAPIA</b>	20
3.1	BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL CONSIDERADAS EM ESTADO DE VULNERABILIDADE SOCIAL	24
3.2	BIBLIOTERAPIA E A LITERATURA INFANTIL: influências psicológicas na infância	26
3.3	BIBLIOTERAPIA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	29
3.4	BIBLIOTERAPIA E OS MEDOS INFANTIS	31
<b>4</b>	<b>O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NO PROCESSO DA LEITURA E DA BIBLIOTERAPIA</b>	36
<b>5</b>	<b>CONTEXTO DO ESTUDO</b>	39
5.1	HISTÓRICO DO BAIRRO ARQUIPÉLAGO	40
5.2	O CONTEXTO DOS SUJEITOS NO BAIRRO ARQUIPÉLAGO	43
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	45
<b>7</b>	<b>COLETA E ANÁLISE DOS DADOS</b>	47
<b>8</b>	<b>APLICAÇÃO DA OBSERVAÇÃO: encontro com as histórias</b>	49
<b>9</b>	<b>ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DAS HISTÓRIAS TRABALHADAS</b>	58
<b>10</b>	<b>APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS DO ESTUDO</b>	61
<b>11</b>	<b>ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS</b>	65
<b>12</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	73
<b>13</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	75
	<b>REFERÊNCIAS</b>	77
	<b>APÊNDICE- MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS SUJEITOS DO ESTUDO</b>	81

## 1 INTRODUÇÃO

Na infância, é comum a criança ter algum tipo de medo como do escuro, de pessoas estranhas, do bicho-papão, entre outros personagens fantásticos e assustadores. Geralmente os adultos recordam de algum tipo de medo nesta fase caracterizado por esta condição de vulnerabilidade perante o adulto, principalmente quando alguém apresentava para a criança estes pavores para conter-lhes, acreditando que o uso desse tipo de ameaça seria uma maneira mais simples de reprimi-las, não adotando desta maneira explicações plausíveis principalmente para aquela criança que não obedecia aos pais ou na tentativa de “proteger-lhes” de algum perigo iminente, como no caso de se perder em um ambiente repleto de pessoas como no shopping ou no supermercado.

A imaginação infantil acaba por contribuir e intensificar tais medos porque estes seres amedrontadores podem criar proporções imensuráveis caso as crianças não obtêm ajuda, seja dos pais, irmãos mais velhos, tios, avós, a babá e professores, por isso, a criança precisa ser socorrida em seus temores porque ela mais cedo ou mais tarde precisará enfrentá-los e para isto precisa ter coragem, mas se esta criança não possui tal suporte familiar quem poderá auxiliá-la? Neste contexto, muitos são pais que trabalham demais e não tem tempo disponível suficiente para as crianças ou desconhecem técnicas capazes de auxiliá-las neste processo de desenvolvimento infantil ou então são famílias com atividades informais e desprovidas de estudo e insuficiência de renda onde alguns não se preocupam com os sentimentos de seus filhos porque provavelmente consideram o medo como “coisa de criança” e muitos adultos já tiveram exemplo em casa de pais que realmente assustam crianças como uma forma de repressão e advertência antes mesmo de alguma agressão física caso não surte efeito a primeira tentativa de reprimenda.

Assim, dependendo do contexto, as crianças poderão possuir além dos medos considerados normais na infância, outros relacionados ao seu meio social atrelados à violência urbana como assaltos, roubos, a própria violência doméstica, inclusive, crianças que vivem em comunidades com atividades de tráfico de

drogas poderão ter medo da morte devido às intervenções policiais ou rixa entre traficantes por disputa de território.

Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo verificar se a contação de histórias auxilia na superação dos medos infantis através da biblioterapia em uma escola de educação infantil situada no bairro Ilha da Pintada em Porto Alegre. Para isso, foram analisados quatro sujeitos entre três anos e três meses e três anos e 9 meses de idade matriculados na referida escola, dois do gênero masculino e dois do gênero feminino.

Para isto salienta-se que de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2009?), é na primeira infância que vai até os seis anos de idade que a criança desenvolve seu grande potencial mental que terá quando adulto. Segundo o UNICEF, o Brasil possui a maior população infantil de até seis anos de idade das Américas e a grande maioria vivendo em situação de pobreza, cerca de 56% destas famílias vivem com renda inferior a meio salário mínimo por mês.

Em Porto Alegre, crianças de 0 a 6 anos de idade correspondem a 146.167 pessoas, o bairro arquipélago apresenta o 4º maior índice de crianças nesta faixa etária, 17,04%, cerca de 24.906 crianças (PORTO ALEGRE, 2007). Atualmente este bairro possui três escolas de educação infantil<sup>1</sup> para atender toda esta comunidade, Escola Municipal de Educação Infantil (E.M.E.I.) Ilha da Pintada localizada na Ilha da Pintada e as demais se localizam na Ilha Grande dos Marinheiros, Creche Nossa Senhora Aparecida das Águas e Creche Tia Jussara. Estas últimas são creches comunitárias conveniadas com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e por serem comunitárias, os responsáveis mensalmente precisam contribuir monetariamente para manutenção desta instituição o que para muitos se torna uma despesa que pesa no orçamento doméstico. As três escolas de educação infantil deste bairro atendem aproximadamente cento e vinte crianças em cada instituição, sendo considerado este número insuficiente para

<sup>1</sup> PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação e Desporto [SMED]. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p\\_secao=21](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_secao=21)> Acesso em: 10 mar. 2011

atender esta comunidade, uma vez que este número contempla aproximadamente cerca de 14% desta população.

Estas crianças além de não possuírem acesso à escola, vivem em famílias cujo ambiente geralmente é carregado de tensão, dia-a-dia, pois muitos pais estão desempregados ou possuem trabalhos informais ou ainda dependem exclusivamente de ajuda do governo federal como o benefício do Bolsa Família. Nestes lares geralmente há muitas crianças e insuficiência de renda para sustentá-las. Além disso, este fator de risco<sup>2</sup>, poderá contribuir significativamente em seu desenvolvimento infantil porque entre os fatores associados a problemas de comportamento na infância estão: discórdia familiar, desvio social dos pais de natureza criminal ou psiquiátrica, desvantagem social, incluindo baixa renda, habitação inadequada e um grande número de crianças de idades próximas. (COLE, 2003).

Desta forma, avaliando o contexto familiar, bem como algum tipo de pressão a qual a criança possa estar passando, muitos medos próprios da infância poderão intensificar-se e cabe a seus pais auxiliá-las neste processo, no entanto, quando estas crianças não apresentam suporte familiar, quem poderá ajudá-las na superação destes medos? Pensando nestas crianças que este trabalho justifica-se como produto de um estudo acerca da literatura infantil e suas contribuições psicológicas perante o mundo infantil e seus conflitos interiores, pois Brazelton (1994, p. 410) menciona que uma das maneiras de procurar entender os sentimentos conflitantes pelos quais esta criança esteja passando é propiciar para ela uma conversa franca com o auxílio de “bonecas ou histórias para conversar e encenar os problemas junto com a criança”.

Sendo assim, contando histórias relacionadas aos medos infantis através de temas que abordem estes sentimentos, procura-se desta forma a superação dos medos na infância por meio de livros baseados nestes conflitos e suas possíveis soluções como a descaracterização dos personagens mais

---

<sup>2</sup> Segundo Cole (2003), pesquisadores do desenvolvimento usam o termo fator de risco para se referir a características pessoais ou circunstâncias ambientais que aumentam a probabilidade das crianças terem resultados negativos. O risco é uma estatística aplicada ao grupo, não ao indivíduo. Assim, segundo o autor, por exemplo, crianças com pais deprimidos terão mais chance que a população geral de tornarem-se deprimidas.



temidos na infância como aqueles abordados nos clássicos infantis; chapeuzinho vermelho, bruxas, escuro, tentando desta maneira trabalhar as outras versões como “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque de Holanda ou as versões das bruxas boas como da autora Lya Luft ou a explicação do escuro e a abordagem acalentadora da desmistificação deste cenário que para muitas crianças é apavorante principalmente quando a noite chega e elas tem de encarar a hora de dormir sozinhas em seus quartos repletos de sombras e imagens projetadas pela imaginação fértil de uma criança, assim como a abordagem retratada no livro “O Domador de Monstros” onde a história aborda a superação do medo do ser desconhecido e fictício como os monstros de cada dia da criança.

Para embasar este estudo científico contextualiza-se este trabalho dando um panorama geral dos estágios de desenvolvimento infantil conforme teóricos conceituados nesta área como Piaget, Vygotsky e Wallon, assim como na literatura infanto-juvenil com abordagem de Bettelheim e “A psicanálise dos contos de fadas” e Corso com “A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia” com foco especial no papel preponderante da família na constituição do sujeito. Além disso, há a conceituação do termo biblioterapia com seus objetivos e componentes como a catarse responsável pelo alívio das tensões vivenciadas pelos sujeitos do estudo ou a projeção onde a criança transfere as outras pessoas suas idéias, sentimentos e expectativas principalmente àquela criança da educação infantil oriunda de uma comunidade carente que se encontra vulnerável às diversidades do seu cotidiano que sonha com uma família que para ela ser completa deverá ser composta por pai e mãe.

Este trabalho também aborda os medos infantis mais comuns na infância segundo Brazelton e a contribuição da literatura infantil como suporte na aplicação da biblioterapia através da contação de histórias que tenham estes temas em seu enredo, assim como o processo de mediação de leitura por meio do profissional bibliotecário.

De caráter qualitativo este trabalho apresenta a análise das observações e entrevistas destes encontros com os quatro sujeitos deste estudo.

## 2 ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A construção do ser humano se dá não de uma forma linear, estanque, há grandes saltos, avanços e até retrocessos nesta caminhada para a constituição do sujeito. Na infância há estágios os quais alguns teóricos como Piaget, Vygotsky, Wallon possuem teorias como podemos apresentar a seguir segundo considerações de Craidy (2001):

Piaget apresenta três estágios:

a) Estágio sensório-motor (de 0 a aproximadamente 18 ou 24 meses): denomina-se sensório-motor porque nesta fase é caracterizada pela coordenação sensório-motora baseada na evolução da percepção e da motricidade;

b) Estágio pré-operatório (2 a 7 anos): marcado por um grande salto qualitativo para a criança, pois nesta fase a criança em sua grande maioria já está saindo da etapa centrada em suas necessidades físicas como o controle dos esfíncteres, já possui sono regulado, autonomia para vestir-se e alimentar-se passando então a desenvolver a capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas (classificação e seriação), onde ela começa a contar, ter noções de formas, os opostos como grande, pequeno, pouco, muito, porém suas explicações são superficiais não possuindo ainda a reversibilidade do pensamento onde a criança consegue pensar simultaneamente o estado inicial e final dos fenômenos naturais para poder explicá-los. Também caracterizado pela fase animista onde a criança dá vida aos objetos explicando de forma fantasiosa estes mesmos fenômenos.

Nesta fase Flavell (1968, *apud* GOULART, 2003, p. 32)<sup>3</sup> salienta outras características nesta fase como o egocentrismo - caracterizado por uma “disposição afetivo-intelectual que se apresenta sempre que uma alteração da realidade social do sujeito não é acompanhada da capacidade de representar tal realidade”. Esta disposição apresenta três características como o animismo onde a criança atribui vida a todos os seres mesmo os inanimados como as pedras. Já o artificialismo é a tendência de atribuir origem artesanal humana as coisas assim

<sup>3</sup> FLAVELL, John H. *Psicologia evolutiva de Jean Piaget*. Versión Marie T. Cavasco. Buenos Aires: Paidós, 1968.

quando a criança considera que uma montanha só pode ter sido “construída” por alguém muito grande. Por último temos o finalismo onde a criança considera que todos os seres possuem uma finalidade: a de servi-la, assim, se você perguntar para uma criança o que é uma cama ela certamente responderá que “é para eu dormir”.

A autora também apresenta que o egocentrismo é a incapacidade da criança ver o ponto de vista do outro e outra dificuldade relacionada a este sentimento advém que a criança não sente a necessidade de justificar seus raciocínios perante as demais pessoas nem de buscar contradições a sua lógica, assim Flavell (1968, *apud* GOULART, 2003, p. 33) exemplifica que “a criança é incapaz de reconstruir uma cadeia de raciocínios que acaba de seguir para resolver um problema”

Outra consideração importante deste autor é a “incapacidade de descentração”, característica no estágio pré-operatório onde a criança tem a tendência de centrar a atenção em ponto específico de seu raciocínio em detrimento dos demais aspectos sendo incapaz de descentrar, isto é, “de tomar em consideração aspectos que poderiam equilibrar e compensar os efeitos distorcedores do raciocínio, que se fixa apenas num aspecto particular da realidade” (FLAVELL, 1968 *apud* GOULART, 2003 p. 33). Assim, a criança que possui algum tipo de medo sendo colocada em situações onde haja o objeto de seu temor como medo do escuro, poderá ter problemas para enfrentá-lo mesmo que seus pais a orientem que tudo não passa de sua imaginação e que basta ligar a luz para tudo se restabelecer em seu pensamento.

Outro teórico importante no estágio de desenvolvimento infantil é Wallon onde este assinala que o desenvolvimento se dá de forma descontínua marcado por rupturas e retrocessos ocorrendo uma interação entre a criança e o ambiente. Apresenta os principais estágios da seguinte maneira:

a) Estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida): neste estágio há predomínio das relações emocionais com o ambiente, é a fase de construção do sujeito em que a atividade cognitiva é indiferente da afetiva. Há o desenvolvimento das condições sensório-motoras como o olhar, pegar, andar permitindo desta

forma que ao longo do segundo ano de vida da criança esta passe a intensificar a exploração e interação com o ambiente;

b) Estágio sensório-motor (um a três anos aproximadamente): neste período ocorre uma intensa exploração do mundo físico predominando a interação cognitiva da criança com o ambiente, nesta etapa do desenvolvimento a criança desenvolve a inteligência prática e a capacidade de simbolizar. No final do segundo ano a fala e a conduta de representação (função simbólica) estabelecem uma nova relação com a realidade, desta maneira, por exemplo, quando alguém pedir para a criança o objeto bola ela saberá do que se trata sem ter a necessidade de ser mostrado para ela o objeto bola;

c) Estágio personalismo (três aos seis anos, aproximadamente): nesta etapa ocorre a construção da consciência de si através das relações sociais, passando então a interessar-se pelas demais pessoas estabelecendo relações afetivas;

d) Estágio categorial (seis anos): nesta fase a criança direciona seu pensamento para o conhecimento e a conquista do mundo exterior, conquista esta de seu progresso intelectual, sendo assim, a partir das suas relações com o meio ela possui maior visibilidade do aspecto cognitivo.

Já o psicólogo Vygotsky contribuiu no campo educacional com sua teoria de relação entre desenvolvimento e aprendizagem, considerando que o desenvolvimento e a aprendizagem caminham juntos, evidenciando a importância das relações estabelecidas entre cultura e a experiência de vida do sujeito. Estabeleceu dois conceitos para o desenvolvimento infantil: *conceito de desenvolvimento real* caracterizado pelo atual conhecimento da pessoa, sua “bagagem”, aquilo que ela já sabe e *conceito de desenvolvimento potencial* onde este é caracterizado por aquilo que o sujeito ainda não sabe mas que poderá vir a saber um dia. Exemplificando, é quando a criança não consegue realizar determinada tarefa, mas com auxílio conseguirá realizá-la evidenciando desta forma que ela está apta a beneficiar-se desta ajuda.

Em relação aos fatores internos e externos do desenvolvimento vale destacar que Piaget considera o fator biológico preponderante em relação ao fator

externo já Vygostky evidencia o fator social onde a criança nasceu e caso seu meio mude seu desenvolvimento também mudará.

Para Vygotsky, a cultura molda o psicológico, isto é, determina a maneira de pensar do sujeito considerando que pessoas de diferentes culturas possuem perfis psicológicos próprios de sua cultura. Para este teórico, as funções psicológicas de uma pessoa são desenvolvidas ao longo do tempo e mediadas pelo social, através de símbolos criados pela cultura.

Em relação à afetividade, Piaget (*apud* GOULART, 2003, p. 60) aborda que “a formação da consciência e dos sentimentos morais é um dos resultados da relação afetiva entre a criança e os pais”. Para Piaget, as reações afetivas próprias do julgamento moral antes dos sete, oito anos de idade são caracterizados pela heteronomia (hétero= de fora do sujeito, nomia= regra) onde o poder das instruções está associado à presença de quem ditou a ordem e na sua ausência esta lei se desfaz.

Dentre os diversos autores que trabalharam sobre o tema, combinando aspectos da psicologia com a educação Wallon nos mostra que a emoção estaria relacionada ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma reação de ordem física. Já a afetividade teria uma significação mais ampla, na qual se inserem várias manifestações - das basicamente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, como a fome ou a saciedade) às manifestações relacionadas ao social (sentimento, paixão, emoção, humor, etc).

Assim, a afetividade poder ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Já Vygotsky afirmava que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas” (1984, p. 6).

Desta forma, segundo Vytotsky e Wallon o meio influencia a afetividade do indivíduo, crianças originárias de ambientes repletos de violência e falta de afeto poderão ter problemas em seu desenvolvimento infantil e seus medos poderão intensificar-se caso não obtenham apoio. Para isto, uma maneira simples de tentar superar seus medos seria a utilização do recurso da biblioterapia utilizando livros com histórias que abordem estes temas.

### 3 A BIBLIOTERAPIA

Conforme o *Glossário ALA de Bibliotecologia y Ciências de La Information* (1988, p. 33), Biblioterapia é "a utilização de livros e outros materiais de leitura em um programa de leitura dirigida prescrito como terapia auxiliar no tratamento de distúrbios mentais e emocionais, bem como no tratamento dos desajustes sociais" (tradução da autora). Sendo assim, através da utilização de livros, atividades lúdicas como teatro ou brincadeiras somadas ao livro é possível desenvolver trabalhos com intuito de aliviar as tensões do cotidiano como o stress, a depressão, a solidão ou em casos dos desajustes sociais, reflexos muitas vezes de atitudes vivenciadas no ambiente familiar repleto de violência originária principalmente pela pobreza "considerada como um tipo de ameaça constante que aumenta a vulnerabilidade social da criança, pois pode causar subnutrição, privação social e desvantagem educacional"(ZIMMERMANN; ARUNKUMAR *apud* CECONELLO, 2000, p. 73)<sup>4</sup>.

Quaknin (1996) nos informa que a palavra "terapia" tem um sentido curativo, pois cuida do corpo, da alma do indivíduo. Complementando, Alves (2004, p. 1) possui a seguinte definição "Terapia é o procedimento que permite as pessoas descobrirem a sua realidade psicológica, social e espiritual, ajudando-as sentirem-se em congruência com essa realidade. Sendo assim, o profissional que desempenha o papel de contador de histórias, propicia para seu público uma atividade de catarse, ou seja, o alívio das tensões. Para Quaknin (1996, p. 18), "a

<sup>4</sup> ZIMMERMANN, M. A.; ARUNKUMAR, R. Resiliency Research: implications for schools and policy. *Social Policy Report*, Cambridge, v. 8, n. 1, p. 1-18, 1994.

catarse é a “alquimia subjetiva”, capaz de transformar em prazer a pena inerente às emoções que são a piedade ou o pavor”

Ainda segundo Quaknin (1996, p. 200):

A biblioterapia, fundada em uma filosofia hermenêutico-existencial- isto é, uma filosofia que considera que o devir do homem é um corolário do devir dos textos e dos símbolos da cultura por meio da mediação da interpretação subjetiva e criadora-, propõe uma prática de leitura que conduz à alteração-alteridade, a um ser-diferente. O mundo da leitura (e, antes da leitura, o da escrita) é um verdadeiro laboratório no qual tentamos novas configurações possíveis do pensamento e da ação, para sentir a sua consistência e plausibilidade.

Desta forma, a leitura propiciada pela biblioterapia fará este ser diferente surgir por meio da interpretação e transformação de seu estado por meio dos textos utilizados. Por conseguinte, devemos nos preocupar com o tipo de público, pois o texto escolhido deverá atender a um propósito, como em casos onde queremos abordar com as crianças as famosas “regras de convivência” ou a preocupação com o meio ambiente, temas sempre presentes em nosso cotidiano, mas estes temas nunca deixam de ser urgentes e perenes em nossa sociedade.

Segundo Moreno (2004), a biblioterapia apresenta ainda dois enfoques: a biblioterapia clínica e a biblioterapia para o desenvolvimento pessoal. A biblioterapia clínica pode ser desenvolvida em clínicas médicas, hospitais e a de desenvolvimento pessoal pode ser utilizada em instituições educacionais com crianças e adolescentes.

Dentre os componentes essenciais da biblioterapia devemos destacar seus componentes e objetivos listados a seguir.

Segundo Caldin (2001) a biblioterapia possui seis componentes: identificação, projeção, catarse, introjeção, introspecção e humor.

A identificação ocorre desde a infância com assimilação de características ou algum aspecto encontrado em outro indivíduo, comum no desenvolvimento infantil quando a criança imita os pais, irmãos, colegas, educadores. Assim como nas histórias infantis onde o personagem de algum conto de fadas produz uma fascinação na criança levando esta a identificar-se

com o personagem e muitas vezes fazendo com que certa característica faça parte de suas atitudes como a “desconfiança” da *Chapeuzinho Vermelho*<sup>5</sup> ao perceber que sua avó estava estranha e diferente em sua aparência ou quando a *Pequena Sereia* enfrenta seus medos para pedir ajuda à bruxa do mar para conquistar seu príncipe.

Segundo Caldin (2001, p.39), outro componente é a projeção sendo “a transferência aos outros de nossas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos”. Evidenciamos esta transferência de sentimentos quando a criança alimenta o desejo de ser amada com demonstrações explícitas de afeto com outra pessoa como na escola com seus educadores ou ao contrário quando constantes agressões com seus colegas revelam sua carência afetiva no seu ambiente familiar, pois é natural a criança projetar experiências vivenciadas no seu lar para a escola. Outra constatação podemos inferir nas histórias como de *Harry Potter* onde o menino mágico soluciona seus problemas na maioria das vezes com o auxílio de seus amigos. Os problemas vivenciados por este personagem são identificados e projetados pela criança, pois ao ver nas histórias a vitória após os duelos, o sentimento de desejo da criança é de ser como *Harry Potter*, afinal, este também é uma criança crescendo ao longo da série de histórias e que apesar das angústias que o menino mágico passa como ser primeiramente um órfão, segundo ser criado por tios à revelia, pois fazem de tudo para demonstrar a má vontade com a tutela, por fim, este personagem é um arauto de esperança para a criança em situação semelhante.

Já a catarse é a serenidade, amenização das tensões. Caldin (2001, p. 38) menciona o filósofo grego Aristóteles que “concebeu o espetáculo trágico como capaz de transformar o medo e a piedade em prazer estético [...]”. Neste sentido, a biblioterapia com a proposta de alívio das tensões pode auxiliar a criança a enfrentar algum tipo de problema; emocional, afetivo, pois pode-se trabalhar com histórias capazes de distrair através da imaginação, do entretenimento proporcionado pelo momento da leitura, da contação de história,

---

<sup>5</sup> A história da Chapeuzinho Vermelho possui várias versões tanto em livros como em filmes, porém alguns autores como Bruno Bettelheim mencionam que este conto inicia com Charles Perrault tendo como título “Capuchinho Vermelho”, logo após há versão dos Irmãos Grimm com o título “Chapeuzinho Vermelho”.



do teatro, afinal neste momento o tempo não tem valor para a criança quando a distração a faz esquecer de suas angústias, de seus medos, dos conflitos vivenciados em casa. Nas atividades de lazer é comum esquecermos por um momento de algo aflitivo e é assim que a catarse propicia gradualmente a cura do paciente, ao menos naquele pequeno espaço de tempo.

A introjeção é um processo evidenciado pela investigação analítica onde o sujeito passa de modo fantasioso de fora para dentro objetos, qualidade destes objetos, neste processo há relação estreita com a identificação (CALDIN, 2001).

A introspecção ocorre quando o sujeito reflete sobre seus sentimentos, possibilitando a mudança comportamental. Sendo assim, os medos pelos quais a criança possui poderão ser superados através de histórias relacionadas a este tema como aqueles onde os personagens tão temidos tenham um aspecto menos sombrio e o enredo possibilite a reflexão destes temores como o medo do escuro e a constatação onde tanto o dia quanto a noite, todos os objetos em seu quarto permanecerão no mesmo lugar, caso contrário isto prova que a imaginação fértil em relação ao medo de uma criança poderá ter credibilidade caso os pais não a consolem e expliquem francamente esta diferença, sem rodeios.

Já o humor é a rebelião do ego contra circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em prazer (CALDIN, 2001). Desta forma, histórias com temas referente ao riso, terão efeito curativo com os indivíduos, pacientes e educandos participantes da biblioterapia ou como alguns autores mencionam como *literapia*.

Os objetivos da biblioterapia segundo Caldin (2001, p. 36) direcionada para a infância são:

Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos. Entender a biblioterapia como catarse, que vale-se da identificação (pela projeção e pela introjeção), da introspecção e do humor. [Verificar] na recepção do texto literário para a infância, a validade de tal texto oferecer moderação das emoções às crianças.

Desta forma, a biblioterapia contribui com a socialização da criança melhorando sua forma de ver o mundo, trabalhando seus sentimentos como uma forma de curá-los para seguir adiante em seu desenvolvimento infantil, uma vez

que através da identificação de personagens, de certas relações ocorridas no enredo da história a criança se identifica, exterioriza, projeta, reflete sobre a história e sua vida, permitindo assim o apaziguamento deste turbilhão de emoções com este tipo de atividade. Assim, para a criança estas relações de fraternidade são influenciadas pelos pais ou responsáveis que poderão avivar ou neutralizar atitudes de rivalidade, autoritarismo ou de ciúme, sentimentos considerados normais entre crianças convivendo diariamente juntas (WALLON, 1975).

### 3.1 BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL CONSIDERADAS EM ESTADO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Os primeiros anos de vida são decisivos na formação da criança, pois neste período se dá a construção de sua identidade. As instituições de educação infantil precisam respeitar as etapas de desenvolvimento infantil e planejar suas atividades com intuito de proporcionar para as crianças brincadeiras atrativas, pois segundo Taille (1992) descrevendo as etapas dos jogos segundo Piaget a etapa *anomia* característica entre crianças de até cinco anos de idade menciona que crianças nesta etapa não seguem regras coletivas interessando-se por exemplo por objetos como bolas principalmente para satisfazerem suas fantasias simbólicas e não para participarem de atividade coletiva com suas regras impostas. Para isto, as escolas de educação infantil poderão oferecer atividades como teatros, hora do conto proporcionando formas de aprendizagens interessantes para as crianças, estimulando sua criatividade através destas experiências.

Para Winnicott (1982 *apud* MALUF, 2009)<sup>6</sup> a criança busca prazer ao participar de uma atividade lúdica, assim como para mostrar sua agressividade ou para controlar sua ansiedade, para estabelecer contatos sociais, para realizar a integração da personalidade e para comunicar-se com as pessoas.

Em relação à criança em estado de vulnerabilidade social Busso (2001) afirma que esta é uma noção multidimensional, com raízes em fatores internos e

<sup>6</sup> WINNICOTT, D.W. **A Criança e seu Mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

externos que combinados, causam danos ou comprometem a capacidade de resposta. O autor menciona que a relevância no conceito de vulnerabilidade social está em nos permitir captar, cognitivamente, como e por que diferentes grupos e setores da sociedade estão submetidos de forma dinâmica e heterogênea a processos que fragilizam a sua subsistência e a capacidade de acesso a maiores níveis de bem estar social.

Neste sentido, a vulnerabilidade social da criança aumenta tendo em vista que sua dependência por subsistência depende de outras pessoas e a responsabilidade que deveria ser em escala primeiramente da família, da sociedade e do Estado não acontece revelando assim falta de proteção, negligência, violência, crueldade e opressão (BRASIL, CONSTITUIÇÃO...)[3].

Sendo assim, a criança que encontra-se vulnerável em situações de carência econômica ou afetiva, provavelmente terá comprometimento de seu desempenho escolar, tendo em vista que o suporte propiciado pela família vem de encontro às propostas pedagógicas na escola como a aprendizagem, as trocas de experiências, os relacionamentos saudáveis com demais colegas e professores. Entretanto, muitas crianças em situações semelhantes, conseguem superar estes problemas e muitos pesquisadores as consideram como “crianças resilientes”.

De acordo com Cecconello (2000), há vários estudos em Psicologia do Desenvolvimento que abordam os processos evolutivos saudáveis que caracterizam a resiliência, capacidade de superação às diversidades vivenciadas pelo indivíduo, seja afetivo, moral, social, familiar, profissional. Segundo a autora, os fatores de proteção e risco, relacionados com eventos de vida, recursos, disposições ou demandas podem proteger estes indivíduos ou então desenvolver patologias a partir destes eventos.

Além disso, o desenvolvimento da criança é um produto das relações sociais estabelecidas entre família, comunidade, escola. Todas estas instituições ajudam a criança a construir seu próprio pensamento e a descobrir o significado da ação do outro e da sua própria ação. Para Vygotsky (1987), as pessoas não

nascem como um copo vazio, elas são formadas de acordo com as experiências já vividas.

Sendo assim, como esta criança que é considerada em estado de vulnerabilidade social poderá ser um potencial leitor se não há incentivo em casa acerca de atividades que envolvam a leitura? Neste sentido, é pensando nesta criança matriculada na escola de educação infantil que a prática de contar história contribuirá em seu desenvolvimento, pois “a criança que brinca está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais, construindo conceitos de relações espaciais [...]” (ANTUNES, 2008, p. 19).

Desta forma, será que a superação destas crianças poderia ampliar-se através da biblioterapia uma vez que o lúdico auxilia no desenvolvimento de sua personalidade?

### 3.2 BIBLIOTERAPIA E A LITERATURA INFANTIL: influências psicológicas na infância

“Na psique infantil o imaginário e a fantasia podem ser liberados pelo contato literário (escrita, audição, leitura), pois são constitutivos da atividade criadora da criança sobre a realidade” (CALDIN, 2004, p.72). Desta forma, a escolha de uma história deve levar em conta estes fatores como o contexto escolar, familiar e o próprio estágio de desenvolvimento infantil que a criança se encontra. De nada adianta apresentar uma versão da história de *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault para um grupo de crianças na fase pré-escolar, onde a moralidade ao extremo não admite a imaginação do ouvinte.

No caso dos contos de fadas, Bettelheim (2007, p. 36) afirma que eles são terapêuticos “porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento da sua vida”. O autor salienta que embora o enredo não tenha semelhança com nossa vida real, os problemas vivenciados pelos personagens são parecidos com nossos conflitos pessoais, assim como

aqueles pelos quais a criança vivencia. Dependendo de suas necessidades e interesses no momento, a criança extrairá significados diferentes de cada conto. Além disso, a mesma criança em fases diferentes de sua vida dará diversas interpretações conforme seu desenvolvimento, sendo assim, é pensando nestas fases que a literatura infantil empregada na biblioterapia deve levar em conta na hora de escolher determinada história para fazer parte desta atividade. Assim como Corso (2011, p. 132) ) considera a “família como a síntese particular de duas origens e culturas”, mesmo pais originários do mesmo lugar, classe social ou grupo étnico, pois a cultura familiar possui uma identificação como uma etiqueta contendo hábitos e rotinas próprias de cada lar.

Então os profissionais envolvidos com contação de histórias poderão orientar-se segundo sugestões de Caldin (2004, p. 86) devidamente exemplificado em seu artigo intitulado “ A aplicabilidade terapêutica de textos literários”:

- a) a biblioterapia inclui a leitura ou a narração de textos literários que estimulem não apenas o intelecto, mas também as emoções. Considerando-se que a catarse é uma resposta emocional, pode-se inferir que as histórias infantis permitem a diminuição do medo e da ansiedade quando a criança transita no universo ficcional em que símbolo e realidade se confundem;
- b) o conto infantil desenvolve não apenas a inteligência e a sensibilidade estética, contribuindo para a formação integral da criança, mas também a permite sonhar. Aos que criticam a leitura como evasão, cabe lembrar que a fantasia permite à criança chegar a um entendimento da realidade;
- c) quase sempre de forma inconsciente, a identificação com uma personagem permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real. Assim é que uma criança hospitalizada, com a capacidade motora e funções vitais comprometidas, pode participar das aventuras da personagem selecionada como modelo comportamental quando penetra na história – é a capacidade libertadora do texto literário;
- d) embora muitos acusem de maléfica a agressividade contida em alguns textos infantis, sabe-se que uma dose de violência é possível de ser aceita, pois a criança pode extravasar sua própria agressividade de forma inócua;
- e) destacam-se como terapêuticos os contos de fadas, pois os mesmos reasseguram possibilidades de vitórias sobre os obstáculos e fornecem esperanças para o futuro ao apresentar, sempre, um final feliz;
- f) há que se ter o cuidado de buscar textos curtos, que não cansem e que permitam manter o interesse durante toda a

atividade de biblioterapia, pois sabe-se que a criança doente tem dificuldade de concentração e dispersa facilmente sua atenção; g) a finalidade terapêutica das histórias para crianças não se restringe às alas pediátricas dos hospitais. A biblioterapia para crianças pode ser desenvolvida em creches, escolas, bibliotecas públicas e escolares. Uma história é um presente de amor. Crianças doentes e crianças saudáveis necessitam igualmente de amor.

Assim, ler, contar, divertir, entreter, são ingredientes indispensáveis nas propostas básicas para a escolha da história na arte de contar histórias para as crianças e pelas crianças. Neste sentido, é através da leitura e suas histórias que muitas crianças conseguem extravasar seus conflitos, suas ansiedades, trabalhar seus medos, suas angústias e por meio dos personagens conseguem ver um mundo melhor com seus heróis que no final das narrações conseguem solucionar seus problemas e obter a vitória, sendo através da derrota de seu opressor, sendo conquistando a princesa ou o príncipe, sendo libertando seu povo, enfim, tantas histórias, tantos rumos mas que na imaginação da criança ou do adulto, tomam forma de realidade e aquele gigante passa a ser a força interior que derrotará todos os males vivenciados pela criança com ou sem problemas emocionais.

Todos os conflitos pelos quais passam os seres humanos são passíveis de serem ao menos amenizados com uma boa leitura acalentadora; ficção, romance, suspense, independente do gênero literário são perfeitamente recomendáveis em momentos que nada e ninguém será companhia suficiente para nossos conflitos interiores, pois os livros falam à nossa mente, não nos cobram nada em troca, nos permitem viajar no tempo e espaço, fazem com que o tempo se torne atemporal, cheio de esperanças para um mundo melhor em nosso próprio mundo.

Para atividades como a contação de histórias temos vários profissionais envolvidos que disponibilizam seu precioso tempo entre um compromisso e outro, como voluntário<sup>7</sup> em hospitais, sanatórios, escolas ou encarando como atividade profissional remunerada; professores, administradores, advogados, médicos,

<sup>7</sup> A Ong “Ame e Deixe Viver” responsável pela contação de histórias no Hospital da Criança Santo Antônio em Porto Alegre conta voluntariamente com diversos profissionais que dedicam o pouco tempo que tem (muitas vezes contam histórias no intervalo do almoço) com esta atividade.

bibliotecários entre outros, todos propõem para diversos públicos uma terapia por meio de livros onde o livro será o remédio consolador para o ouvinte principalmente na educação infantil onde o público a ser atingido está em formação da sua personalidade e o meio contribui significativamente na construção deste sujeito onde há medos nos quais não consegue dominar e sua imaginação poderá agravar seus temores.

### 3.3 BIBLIOTERAPIA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Segundo Quaknin (1996, p. 16), “a Biblioterapia nasce do encontro entre a força da língua – que evocamos e que não é mais reservada aos mágicos, aos padres e aos charlatães – e o local de expressão primordial e primeiro dessa força: o livro”.

A leitura é uma conversa, primeiramente, atividade solitária, um único leitor e seu livro, mas que pode ser coletiva, transferida para mais leitores, ouvintes-espectadores desta atividade de “ler para alguém”; a contação de histórias. Um dos suportes para esta atividade é o conto de literatura oral como aquelas que vem ao encontro da cultura local de cada região de algum país, assim como no Brasil, as lendas repletas de misticismos podem fazer parte do rol de histórias para a contação de histórias. Não devemos esquecer que os contos de literatura oral perpetuaram-se na história pela voz dos contadores de história, mas estes contos só foram acessíveis através dos registros pelos folcloristas, historiadores, entre outros. (Busatto, 2008).

Semelhante aos contos de literatura oral, temos os contos de fadas, importantes aliados na arte de contar histórias, pois enquanto propicia diversão para as crianças, os contos de fadas podem esclarecer dúvidas sobre si própria, contribuindo no desenvolvimento de sua personalidade. (BETTELHEIM, 2007).

Mas para que a contação de histórias cumpra sua função primordial é necessário alguns componentes citados por Busatto (2008) as quais destacamos as seguintes:

- a) perceber diferença entre contar história para uma criança ou um grupo pois a voz deverá ser ampliada quando tratar-se de vários ouvintes, percebendo o que mobiliza o grupo, trazendo um conto que possa atuar no conjunto;
- b) contar com o coração pois o narrador deve estar inteiramente disponível para esta atividade, sensibilizando o contador antes de sensibilizar o ouvinte;
- c) escolher boas traduções e fugir dos livros que apresentam contos numa versão simplificada e pobre em imagens verbais, pois são as imagens que geram o devaneio, nos colocando de frente aos personagens e seus estados de ânimo;
- d) sentir o conto e suas intenções;
- e) memorizar o texto e não decorá-lo;
- f) entender o sentido, a intenção sugerida pelo texto;
- g) imprimir ritmo na narrativa de acordo com as entonações necessárias propiciadas pelo conto;
- h) nunca negligencie o espaço físico onde será narrada a história, dê preferência para a formação de semi círculo com as crianças onde o narrador completará o círculo.

Todas estas sugestões certamente farão com que a arte de contar histórias seja prazerosa e enriquecedora, tanto para as crianças quanto para quem conta, pois nesta troca de informações, neste momento lúdico de aprendizagem, o principal é proporcionar para a criança principalmente aquela carente de atenção, de amor, de afeto, algo maior: cidadania; “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (SILVEIRA BUENO, 1999, p.166)

Contudo, para que todos os componentes citados acima por Busatto (2008) tenham êxito é necessário que o contador de histórias conheça características básicas de seu público como preferências literárias, faixa etária e a seleção mais adequada das histórias a serem trabalhadas com o público ouvinte.



### 3.4 BIBLIOTERAPIA E OS MEDOS INFANTIS

Segundo Brazelton (1994), todas as crianças passam por períodos de medo. Considerados normais, estes medos ajudam a criança em seu desenvolvimento, além de chamarem a atenção dos pais para a luta a qual a criança possa estar passando. Segundo o autor, as crianças entre os 3 e os 6 anos são propensas a sentirem vários tipos de medo e na medida que vão conhecendo seus sentimentos de independência, necessitarão destes medos para dominá-los, esta fase é comparada aos conflitos da adolescência. Entre os medos mais comuns nesta faixa etária estão o medo de animais que mordem, de barulhos altos, do escuro, monstros, bruxas, fantasmas, de altura, da morte dos pais, de estranhos, de violência sexual, de crianças agressivas, medo de fracassar, de guerra e catástrofe nuclear. Brazelton (1994) descreve estes medos da seguinte maneira:

a) **Medos universais:** o medo de cair é inato nos bebês, demonstrado pelo ato de apertar com a mão, denominado de “reflexo de Moro”;

b) **A ansiedade diante de estranhos:** o medo de estranhos é uma das primeiras características de medo na infância. A capacidade de distinguir as diferenças entre os estranhos e os pais já é perceptível num bebê de quatro a seis semanas de idade, mesmo um bebê de apenas um mês já consegue diferenciar sua mãe dos demais estranhos, seja pelo tom de voz, pelo rosto e por suas atitudes. Em torno dos cinco, oito e doze meses apresentam um aumento de consciência das atitudes das demais pessoas e de suas reações. O autor menciona que o bebê precisa ter sua mãe em seu campo de visão, principalmente se estiver em um local estranho, como no consultório médico, pois ele está observando e ouvindo tudo que o cerca com um novo nível de entendimento. Por volta dos oito meses sua consciência estará maior e mesmo que esteja em segurança no colo de sua mãe encarará como uma invasão no caso de algum estranho encará-lo.

Aos doze meses reforça a importância de seus familiares em seu espaço pessoal e ao longo do seu segundo ano de vida poderá valorizar ou temer

sua independência conquistada pelo fato de já andar, demonstrado muitas vezes pela fuga de seus pais encarado muitas vezes como uma brincadeira mas ao mesmo tempo, caso esteja em um ambiente desconhecido, certamente agarrará seus pais como uma forma de proteção naquele lugar considerado assustador. Brazelton menciona que adultos que respeitam estes temores de experiências novas com crianças nesta idade irão ajudá-las na superação destes medos.

No segundo e terceiro ano de vida, as crianças precisarão aprender a conviver com outras crianças, seja em família, na escola, isto auxiliará nos sentimentos de timidez e medo de outras crianças.

Entre os três e os seis anos as crianças tenderão a desenvolver vários tipos de medos, à medida que vão conhecendo seus sentimentos de agressividade ela começará a temer agressão por parte de outras pessoas;

c) **Medo de cães e outros animais que mordem:** à medida que a criança domina seus instintos sendo que um deles era o de morder alguém sempre que sentia ameaçada ou tensa é possível que sinta medo de tudo que possa morder, animais como o lobo. Segundo Brazelton, qualquer situação nova ou inesperada pode desencadear a sensação de ser mordida por animais ou até por pessoas;

d) **Medo de barulhos altos:** ambulância, furadeira, liquidificador ou até mesmo barulhos de outras crianças poderão despertar reações aterradoras, trazendo-lhes a sensação de uma perda de controle caso estes barulhos se repitam;

e) **Medo do escuro e de monstros, bruxas e fantasmas:** estes medos afloram à noite, principalmente se a criança sonhou com estes personagens e o cenário do escuro favorece a projeção destas imagens. Isto acontece em uma época que a criança está evoluindo rumo à independência, de dormir em sua cama, em seu quarto, o controle dos esfíncteres, porém tendo a consciência de ser dependente de seus pais e isto provoca um conflito em sua mente;

f) **Medo de altura:** esses medos surgem quando a criança possui consciência do perigo de cair de lugares altos sabendo-se que ela é independente a ponto de proteger-se deste perigo;

g) **Medo da morte dos pais:** estes medos aparecem em fobias ligadas à escola ou no medo de sair de casa para visitas ou então para ir a festas. Essa insegurança em alguns casos está associada aos desejos edipianos, de modo inconsciente a criança tem medo do seu desejo de ver-se livre do pai. O medo da própria morte pode aparecer por volta dos cinco anos de idade, podendo surgir pelo medo de alguma retaliação por seus maus desejos como o de livrar-se do pai;

h) **Medo de estranhos e de violência sexual:** uma criança pequena não deve ser colocada em uma situação que tenha de decidir em quem confiar. O medo dos pais que uma criança possa sofrer alguma violência é tanto que muitos acabam por protegê-la em excesso de um medo indevido do que impedir que uma criança sofra abusos. Por mais que os pais comecem a ensinar uma criança de cinco ou seis anos de se proteger de pessoas estranhas muitos acabam exagerando e apavorando-as nas recomendações;

i) **Medo de crianças agressivas:** a partir dos dois anos de idade a criança começa a estabelecer vínculos com as demais crianças, isto é positivo porque certamente esta criança não terá dificuldade de estabelecer amizades durante o período escolar. Os pais precisam deixar que a criança aprenda a relacionar com o grupo não aceitando provocações caso surja algum conflito provocado pelos amigos;

j) **Medo de fracassar:** todas as crianças possuem medo de fracassar, assim como os adultos, este tipo de medo pode nos levar à perfeição e ao sucesso mas caso este sentimento a deixa angustiada em demasia é necessário aconselhá-la a confiar mais em si mesma propiciando para ela momentos em que possa ser elogiada em suas tarefas, sem pressões;

l) **Medos de guerra e de catástrofe nuclear:** estes medos estão relacionados à impotência dos pais diante de ações militares como a guerra e como agravante, muitas notícias são passadas para as crianças através dos meios de comunicação. As crianças pequenas não possuem uma perspectiva onde possa situar-se estes medos. Diante da preocupação dos pais é inevitável

que as crianças percebam seus sentimentos intensificando seus medos através de suas fantasias relacionadas a estes acontecimentos.

Assim, como a criança não entende sobre o mundo que a cerca e possui pouco controle sobre ele, na primeira infância geralmente a criança possui vários medos e uma das formas de combatê-los é possuir pensamento e desejo de transformarem-se em super-heróis como nas histórias infantis dominando o mundo com seu poder anormal. (COLE, 2003). Para isto, a imagem estampada nos desenhos infantis veiculados na mídia televisiva possuem um encantamento na criança. Por exemplo, atualmente os meninos gostam do desenho do “Ben10” com seu poder de transformar-se em *alien* com o objetivo de combater o mal. Já as meninas simpatizam com desenhos de personagens como a boneca Barbie onde as protagonistas são fadas com poderes mágicos ou princesas .

De acordo com Brazelton (2003) as crianças de quatro anos estão envolvidas em muitos novos e excitantes desenvolvimentos como o acompanhamento de idéias mais complexas expressas através da linguagem mais clara. Possui novas satisfações emocionais como a identificação com seus pais e aqueles à sua volta fornecendo-lhe o incentivo para a aprendizagem de novas habilidades. A criança nesta fase, tem consciência de suas decisões, porém esta consciência faz com que perceba que é um ser pequeno, parte de um mundo maior, dependente e limitada.

O autor menciona que o brinquedo e a fantasia são formas de enfrentar esta dicotomia entre dependência e vontade de dominar seu próprio mundo, porém, fantasias intensas levam a medos e sonhos ruins. “Os monstros e as bruxas que aparecem à noite em seus sonhos também podem representar a tensão de enfrentar sentimentos novos” (BRAZELTON, 2003, p. 78).

Desta forma, os medos auxiliam as crianças em seu desenvolvimento infantil e os profissionais ligados em atividades como a hora do conto trabalhando em seu repertório histórias próprias desta faixa etária com temas que contribuam na superação dos medos mais comuns como os citados por Brazelton: medos de bruxa, monstro, fantasma, escuro, barulho proporcionam o apaziguamento de

seus temores e talvez o primeiro passo para sua superação e um dos profissionais que certamente poderá auxiliar neste processo é o bibliotecário.

#### 4 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NO PROCESSO DA LEITURA E DA BIBLIOTERAPIA

Neste processo de mediação, profissionais que entendam as fases de desenvolvimento infantil, a literatura recorrente nesta área e livros infantis adequados com temas relevantes nesta desmistificação destes temores poderão proporcionar o primeiro passo para a superação destes medos, um destes profissionais certamente é o bibliotecário, capaz de pesquisar em várias fontes de informação os livros mais indicados para atividades como a hora do conto.

Além de oferecer atividades de lazer através da promoção da leitura, o profissional bibliotecário é acima de tudo um educador, pois instrui seu público de diversas maneiras, seja em encontros literários, feiras do livro, hora do conto, uma variedade de formas de levar a leitura para todos.

Assim, o bibliotecário precisa ter acima de tudo dedicação, comprometimento, responsabilidade, e porque não dizer afeto para àqueles olhinhos atentos, mentes curiosas, carentes, relutantes, diversas características que certamente encontraremos nos múltiplos públicos envolvidos com esta atividade de contar histórias.

Em relação às características observadas nos mediadores de leitura em uma biblioteca escolar numa cidade do estado de São Paulo por parte de alunos e professores, Pieruccini (2004) descreve as seguintes:

- a) **Afetividade:** a *infoeducadora*<sup>8</sup> estabelece relações de proximidade com as crianças pequenas através de atividades lúdicas e com as maiores apresentando uma postura de “olho no olho”, no tom de voz, o “saber ouvir”, estimulando assim o contato entre os sujeitos;
- b) **Sensibilidade:** esta característica permite a formação de vínculo entre aluno e o dispositivo informacional (biblioteca) revelada com

<sup>8</sup> Pieruccini denomina como *infoeducador* o mediador de leitura. Em sua tese, os relatos de alunos e professores sobre as infoeducadoras abordam o desempenho destes profissionais enquanto elo entre professores-alunos, biblioteca-sala de aula, dispositivo e conhecimento.

a entrada de crianças mesmo sem possuírem a senha de acesso percebendo a urgência da criança neste ambiente repleto de livros com histórias onde esta possa ouvir, ler, imaginar;

- c) **Flexibilidade:** a *infoeducadora* planeja atividades a serem realizadas com os alunos incluindo programas solicitados ou sugeridos pelos professores, porém possui flexibilidade para alterar o cronograma evitando desta forma o desinteresse do aluno;
- d) **Disponibilidade e interesse:** conduta considerada bonita, as *infoeducadoras* estão sempre prontas para o atendimento dos alunos, sendo contando histórias, resolvendo algum problema, escutando com atenção as crianças;
- e) **Organização:** a *infoeducadora* possui um diário de bordo para facilitar o desenvolvimento das diferentes atividades e turmas atendidas diariamente;
- f) **Domínio de repertórios:** o *infoeducador* necessita conhecer os diferentes repertórios informacionais para otimizar seu desempenho enquanto mediador de leitura, envolvendo aspectos técnicos de organização e gestão de informação. É necessário conversar sobre a temática do livro com suas diferentes abordagens sendo adequado ou não para aquela criança, avaliando a pertinência ou não de determinado título, bem como a credibilidade do autor, saber reconhecer os autores, ilustradores da literatura infantil, saber escolher uma história para ser lida ou contada, realizando um verdadeiro serviço de referência;
- g) **Domínio de tecnologias e demais recursos informacionais:** o *infoeducador* precisa ter conhecimento sobre computador, internet, como usar o scanner, saber transferir para o computador imagens da máquina fotográfica digital. Todos estes conhecimentos auxiliam os alunos a tornarem-se produtores de

seus trabalhos, pois a *infoeducadora* os auxilia em seus trabalhos solicitados pelos professores.

Neste contexto, pode-se inferir que o profissional bibliotecário está apto a desenvolver este tipo de atividade, uma vez que media a leitura entre livro e o ouvinte. A técnica poderá ser aprendida e apreendida com cursos, treinamento, disposição, entusiasmo, mas acima de tudo, comprometimento com seu público e o compromisso social de estar contribuindo para uma sociedade menos sofredora, com mais oportunidade de acesso ao livro, ao prazer de “ler” uma boa história e quanto importante é a catarse propiciada pela história narrada.

Segundo Cunha (2003, p. 3):

[...] nossa profissão é uma profissão essencialmente social, uma profissão de mediação e de contato, de “fazer com o outro” de fazer para o outro, o bibliotecário só tem a ganhar com a colaboração de outros profissionais. [...] esta tendência de trabalho interdisciplinar é uma tendência mundial.

Desta forma, os bibliotecários devem encarar a atividade de contar histórias dentro de uma escola, dentro de um hospital ou outra instituição, pensando em trabalhar em conjunto com outros profissionais onde os ouvintes só têm a ganhar neste tipo de atividade, pois cada um pode contribuir de alguma maneira; professores com leituras dirigidas no processo de aprendizagem; psicólogos com análise aprofundada do comportamento e a contribuição da biblioterapia; entre outros, mas todos incorporando a proposta da distração, do consolo, da esperança através da leitura dirigida, do acesso ao livro para todos os públicos.



## 5 CONTEXTO DO ESTUDO

O estudo foi realizado com crianças matriculadas na turma do Maternal II da Escola Municipal de Educação Infantil Ilha da Pintada situada na rua dos Garruchos s/n no bairro arquipélago em Porto Alegre.

Quanto ao histórico da Escola Municipal Ilha da Pintada, segundo dados obtidos em sua página institucional<sup>9</sup>, sua fundação deu-se em 31 de outubro do ano de 1994.

Atualmente, atende diariamente das 7h até às 19h cerca de 120 crianças, divididas em 06 turmas, na faixa etária de 2 a 6 anos, pertencentes às principais ilhas do Delta do Jacuí contando com aproximadamente 40 funcionários.

Para melhorar o atendimento a estas crianças além dos professores e monitores a escola conta com apoio de outros profissionais tais como nutricionistas e a parceria com o posto de saúde do bairro onde é possível conseguir atendimento emergencial. Além disso, a Secretaria de Educação e Desporto oferece transporte escolar para todos os alunos uma vez que a distância de uma ilha e outra e a escola é muito longa.

A escola em seu Projeto Político Pedagógico<sup>10</sup> apresenta como objetivo norteador de aprendizagem para seus alunos o modelo sócio-interacionista proposto por Vygotsky onde este aponta para a importância das mediações que os educadores propõem para as crianças levando em consideração sua situação familiar e as características da comunidade onde a escola esteja inserida.

<sup>9</sup> PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação [SMED]. **Escola Municipal de Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.emeilhadapintada.org.br> Acesso em 15 set. 2010.

<sup>10</sup> PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação [SMED]. **Escola Municipal de Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.emeilhadapintada.org.br> Acesso em 30 abr. 2011

## 5.1 HISTÓRICO DO BAIRRO ARQUIPÉLAGO

Conforme pesquisa do Centro de Pesquisa Histórica<sup>11</sup> vinculada à Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, o bairro Arquipélago oficialmente foi constituído pela lei nº 2022 de 07 de dezembro de 1959, totalizando dezesseis ilhas pertencentes à Porto Alegre, Canoas, Eldorado do Sul. Possui em sua localização extensa área verde com habitantes que se adaptaram viver com as águas circundantes em torno deste bairro. Conforme indícios arqueológicos seus primeiros habitantes foram índios guaranis, assim como pelo relato de alguns moradores antigos, estas ilhas que fazem parte do bairro arquipélago: ilha do pavão, ilha grande dos marinheiros, ilha das flores e ilha da pintada também abrigaram ancestrais escravos.

Sua forma de subsistência era principalmente a pesca artesanal e o fornecimento de capim e hortaliças para o centro da cidade. Foi assim até meados de 1970, porém com o desenvolvimento urbano da cidade houve a alteração do modo de viver destes habitantes, pois com a construção da ponte do rio Guaíba e com a diminuição do transporte fluvial, estes fatores contribuíram significativamente para o aumento da população concentrada nas margens da BR 116.

Esta população atualmente apresenta em sua maioria carência de infraestrutura habitacional apresentando casas de baixo padrão e uma população que possui renda de até um salário mínimo.

Atualmente seus moradores possuem alternativas para sua fonte de renda como os catadores de lixo da Ilha Grande dos Marinheiros que desenvolvem atividades de reciclagem.

Em relação à vulnerabilidade social infanto-juvenil do bairro arquipélago, os dados obtidos em diversas fontes de informação como dados do UNICEF, Índices obtidos do Observatório de Porto Alegre, ratificam o estado alarmante das crianças deste bairro.

Conforme dados do UNICEF (2001) cerca de 3,4 milhões de crianças entre 5 e 14 anos de idade trabalham no Brasil, originárias de famílias pobres, estas crianças tem maior probabilidade de exclusão social sofrendo discriminações e violência perante à sociedade.

Apesar do estado do Rio Grande do Sul apresentar um dos maiores índices de desenvolvimento humano<sup>12</sup> do Brasil (0,87) o percentual de crianças de 0 a 6 anos morando com chefes de família com renda de até um salário mínimo por mês varia de um município para outro, apresentando índices de 6 a 72%. (UNICEF, 2001)

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre o IDHM (índice de desenvolvimento humano municipal) da capital do Rio Grande do Sul é de 0,865, considerado como primeiro lugar dentre as cidades com população acima de 1 milhão de habitantes, contudo existe uma discrepância neste índice, uma vez que cada bairro possui suas peculiaridades e Porto Alegre caracteriza-se por ser uma cidade desigual.

De acordo com dados obtidos pelo Observatório de Porto Alegre (2007, p.2), a população de Porto Alegre de 0 a 6 anos é de aproximadamente 146. 167 pessoas correspondendo a 10, 7% da população da cidade, onde o bairro arquipélago possui um dos maiores índices populacionais de crianças de 0 a 6 anos, com 17,04%, perdendo apenas para os bairros Chapéu do Sol, Serraria e Mário Quintana respectivamente, com índices de 19,96%, 19,16% e 18,76%.

Quanto ao percentual de nascidos vivos de mães com menos de 20 anos o bairro arquipélago encontra-se em 5º lugar com 26,28%. Já em relação à educação dentre os bairros com responsáveis por domicílio que possuem menos de 4 anos de estudo o bairro Arquipélago encontra-se em segundo lugar neste índice, apresentando um percentual de 35,36%.

---

<sup>11</sup> PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Cultura. Coordenação de memória cultural. **História dos bairros de Porto Alegre**. Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br> Acesso em: 20 set. 2010.

<sup>12</sup> O IDH é um índice síntese que procura captar o nível de desenvolvimento humano alcançado em uma localidade, levando em consideração três dimensões básicas: saúde, educação e renda. O IDH varia entre 0 e 1, com a seguinte classificação: Baixo Desenvolvimento Humano (0 a 0,49); Médio Desenvolvimento Humano (0,5 a 0,79) e Alto Desenvolvimento Humano (0,8 a 1).

Quanto ao saneamento básico apesar de 92,38% dos domicílios do município apresentarem esgoto sanitário adequado, o bairro arquipélago encontra-se opostamente a este índice, estando em primeiro lugar pela falta de saneamento básico, com percentual de 40,74%. Em relação ao fator renda, dentre os bairros que apresentam responsáveis por domicílios com renda de um até dois salários mínimos mensais, o bairro arquipélago encontra-se em segundo lugar.

Além disso, conforme informações obtidas do Atlas de IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) da RMPA (Região Metropolitana de Porto Alegre), a região Ilhas/Humaitá/Navegantes entre 1991 e 2000 é considerada uma das regiões de menor IDHM como podemos conferir na tabela abaixo, porém não podemos deixar de mencionar que este índice não engloba apenas o bairro arquipélago, o qual possuiria um índice bem aquém do atual como região.

Tabela 1 - IDHM das Regiões e posição em relação ao IDHM, 1991 e 2000

Região do Orçamento Participativo	Posição 1991	IDHM, 1991	Posição 2000	IDHM, 2000
<b>Centro</b>	1	0,903	1	0,919
<b>Noroeste</b>	2	0,866	2	0,892
<b>Sul</b>	3	0,817	3	0,874
<b>Cristal</b>	4	0,813	4	0,860
Leste	6	0,791	5	0,834
Centro-Sul	5	0,799	6	0,832
Eixo-Baltazar	7	0,789	7	0,825
Partenon	9	0,775	8	0,819
Cruzeiro	10	0,770	9	0,813
Ilhas/Humaitá/Navegantes	8	0,785	10	0,797
<b>Gloria</b>	11	0,760	11	0,788
<b>Norte</b>	12	0,742	12	0,780
<b>Extremo-Sul</b>	13	0,724	13	0,779
<b>Restinga</b>	14	0,717	14	0,761
<b>Lomba do Pinheiro</b>	15	0,706	15	0,751
<b>Nordeste</b>	16	0,699	16	0,726
Porto Alegre	-	0,824	-	0,865

Fonte: Atlas da RMPA

## 5.2 O CONTEXTO DOS SUJEITOS NO BAIRRO ARQUIPÉLAGO

Como podemos verificar, estes dados delineiam o perfil dos sujeitos deste estudo onde além de possuírem pouca infra-estrutura em suas residências, sua densidade demográfica está além da média populacional se comparada aos demais bairros de Porto Alegre. Estas crianças possuem familiares com poucos anos de estudo ou nenhuma escolaridade tornando mais freqüente a fragilidade da criança tendo como conseqüência ambientes com insuficiência de renda que favorecem a violência doméstica.

Nesse espaço há ocorrência de muitos lares monoparentais onde há muitas crianças de idades próximas e os irmãos mais velhos acabam por assumir a responsabilidade pelos cuidados com os mais novos. Ocorrem também, nestas famílias, atividades de renda informais os quais dependem muitas vezes de outro complemento através de programas assistenciais como o programa do governo federal, o Bolsa Família.

Em relação ao perfil do aluno matriculado nesta escola a maioria pertence ao bairro Ilha da Pintada, porém há grande concentração de alunos moradores dos bairros Ilha das Flores e Ilha Grande dos Marinheiros. Os critérios para ingresso são elaborados respeitando as orientações da SMED (Secretaria Municipal de Educação e Desporto) de Porto Alegre, que são estipulados para todas as escolas (obrigatórios), e outros podem ser acrescentados ou modificados de acordo com as peculiaridades da escola. Entre estes critérios estão: maior idade em cada nível; renda menor; proximidade (morar na Ilha); alunos em situações de risco.

A turma do Maternal II possui crianças entre 3 anos completos e 4 incompletos sendo a maioria moradores dos bairros Ilha da Pintada e Ilha das Flores em uma turma com 20 alunos matriculados.

Sua condição social em sua maioria encontra-se em situação precária quanto à renda familiar possuindo inclusive crianças que tiveram sua vaga através de ações do Conselho Tutelar por possuírem lares com pais dependentes químicos. Algumas crianças moram com os avós ou tios porque os pais não

assumiram o pátrio poder evidenciando em algumas crianças sentimentos de carência afetiva ou agressividade.

## 6 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia do trabalho em termos de abordagem foi de cunho qualitativo, por ter proposto em seus objetivos uma pesquisa pontual e aprofundada dos sujeitos, ressaltando a observação dos indivíduos, não se buscando, portanto, resultados numéricos ou quantificáveis.

Quanto ao tipo de pesquisa esta deu-se de forma exploratória visto que a mesma tem por objetivo o provimento do pesquisador em termos de conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa que realiza. A escolha deste tipo de estudo para esta pesquisa se deve ao fato de que esta é apropriada para os primeiros estágios da investigação quando o pesquisador tem pouco conhecimento e a compreensão sobre seu objeto de estudo.

A coleta de dados foi feita por meio de observação participante, que segundo Flick (2009, p. 207) suas características dizem respeito ao fato do pesquisador “mergulhar de cabeça no campo, que observará a partir de uma perspectiva de membro, mas deverá, também, influenciar o que é observado graças a sua participação”. Assim, foram relatadas as atividades realizadas e as reações dos comportamentos das crianças matriculadas em período integral na faixa etária dos 3 aos 4 anos de idade na E.M.E.I. Ilha da Pintada.

Além disso, Spradley<sup>13</sup> (1980, p. 34 *apud* FLICK, 2009, p. 208) distingue três fases da observação participante:

Observação descritiva - no início, serve para fornecer ao pesquisador uma orientação para o campo em estudo. Fornece, também, descrições não-específicas, e é utilizada para apreender, o máximo possível, a complexidade do campo e, (ao mesmo tempo) para desenvolver questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas;

Observação focalizada – restringe a perspectiva do pesquisador àqueles processos e problemas que forem os mais essenciais para a questão da pesquisa;

Observação seletiva – ocorre já na fase final da coleta de dados e concentra-se em encontrar mais indícios e exemplos para os tipos de práticas e processos descobertos na segunda etapa

Quanto ao instrumento de coleta de dados este foi um relatório da observação e da entrevista realizada de cada encontro. Salienta-se que o próprio pesquisador a partir da observação participante e da entrevista após cada encontro relatou as reações de comportamento das crianças.

Em relação à entrevista Ludke (1986) define como uma relação de interação onde há uma influência recíproca entre o pesquisador e o pesquisado, permitindo tratar assuntos de natureza pessoal com maior aprofundamento permitindo correções, esclarecimentos e adaptações na coleta das informações desejadas.

O tipo de entrevista aplicada foi a semi-estruturada onde o autor acima menciona que esta desenvolve-se a partir de um esquema básico mas não rígido podendo ser incluído pelo entrevistador adaptações quando necessárias.

As observações foram realizadas pela pesquisadora em cinco encontros nos dias 21, 22, 23, 24 e 25 de março de 2011 no horário de funcionamento da escola, no turno da manhã, após o horário do café das crianças, entre 9 h e 10 h, onde conforme o planejamento pedagógico da professora titular responsável pelo maternal II é o horário estipulado para a realização de atividades de aprendizagens.

Nestes dias foi realizada a atividade de contação de histórias selecionadas pela pesquisadora com os seguintes temas: medo do escuro, medo de bruxa, medo de monstro, medo de lobo e medo de tempestade.

Os dados coletados foram analisados por meio de métodos qualitativos dos encontros como relato de experiência, identificando-se o alcance dos objetivos e as dificuldades encontradas durante a realização do trabalho, divididos em dois momentos: relato das observações, das entrevistas e análise das observações e das entrevistas em modo descritivo de relatório.

---

<sup>13</sup> SPRADLEY, J. P. **Participant Observation**. New York: Rinehart and Winston, 1980.



## 7 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os encontros com as crianças deram-se de forma individual através das entrevistas e em grupo com a observação participante onde houve a contação de histórias previamente selecionadas com aporte teórico de Piaget, Vygotsky e Wallon.

Assim, Piaget e Wallon apresentam os estágios de desenvolvimento infantil baseados na faixa etária do sujeito sendo característica típica deste estágio pré-operatório segundo Piaget, o animismo onde a criança atribui vida aos seres inanimados explicando de forma fantasiosa estes mesmos fenômenos. Já Wallon apresenta o estágio personalismo semelhante a faixa etária proposta por Piaget abordando a capacidade de a criança estabelecer relações afetivas nesta faixa etária.

Sendo assim, a partir do desenvolvimento interno da criança poderemos planejar e determinar o livro mais apropriado de acordo com sua faixa etária, porém este fator não será determinante uma vez que devemos levar em consideração seu contexto social e suas aptidões. Assim como Piaget e Wallon o outro teórico que poderemos nos basear para escolha de livros infantis é Vygotsky o qual aborda o conceito sócio-interacionista onde o conhecimento dá-se de fora para dentro, considerando o meio vivenciado pela criança significativo em seu desenvolvimento.

Por conseguinte, o último teórico, Wallon, apesar de também apresentar o desenvolvimento infantil a partir da idade cronológica do sujeito, aborda a questão biológica da criança. Assim, o fator biológico não será a única lei determinante de seu futuro onde as circunstâncias sociais poderão transformar sua existência. Além disso, Wallon (1975) aborda que os objetivos do grupo podem variar de idade para idade dependendo das aptidões físicas, intelectuais e sociais da criança.

Portanto, os livros selecionados para serem objeto de base para a atividade de biblioterapia seguiram pelo critério de faixa etária, o contexto social e

os assuntos abordados nos livros retratam os medos comuns na infância segundo Brazelton (1994).

## 8 APLICAÇÃO DA OBSERVAÇÃO: encontro com as histórias

### 1º Encontro – História: A coruja que tinha medo do escuro

**Resumo:** esta história aborda o medo do escuro que a coruja Eugênia (personagem principal) possuía, ela mora no buraco de uma árvore banhada pelo luar, sempre fica imaginando o que poderia ser as sombras projetadas dos galhos da árvore no chão. Eugênia possui um amigo chamado Tito, o qual a convida para passear pela noite, porém seu medo fala mais alto e neste momento a lua decide ter uma conversa com Eugênia.

Referência: **A CORUJA** que tinha medo do escuro. Tradução: Fábio Teixeira. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2009. Não paginado.

**Figura 1- Imagem da capa do livro “A Coruja que Tinha Medo do Escuro”**



**Fonte – “A Coruja que Tinha Medo do Escuro”(2009)**

Neste dia após uma conversa preliminar sobre o que seria desenvolvido nesta atividade de contação de histórias apresentou-se à turma do maternal II o livro com a história da coruja que tinha medo do escuro, uma publicação da Ciranda Cultural. No momento da apresentação do livro ao grupo percebeu-se muita curiosidade sobre esta personagem, um dos sujeitos pesquisados

gradualmente ia aproximando-se do livro para tentar chegar o mais próximo possível, quase não há diálogo neste momento, apesar da faixa etária do grupo houve muita atenção para ouvir a história.

Quando apareceu a personagem principal uma das crianças apontava para o livro dizendo “*olha lá, olha lá!*”. Em uma das passagens do enredo da história onde aparece o amigo da coruja um dos sujeitos pesquisados apontava para o livro. Neste momento houve conversas paralelas entre alguns componentes do grupo principalmente quando a pesquisadora lhes mostrou o convite feito pelo amigo da coruja para irem dar um passeio pela noite. Quando a lua resolve conversar com a coruja sentando-se no galho da árvore mais uma criança aproxima-se do livro para ter maior visibilidade da história.

Após a conversa da lua com a personagem onde esta decide viajar com seu amigo Tito pois sentia-se mais segura sabendo que a lua não iria abandoná-la há uma grande descontração entre o grupo onde muitas crianças conversam entre si sobre a história ouvida mas a grande surpresa reservada ao grupo foi quando a pesquisadora mostrou-lhes ao levantar a última aba do livro os personagens voando pela noite com a lua ao fundo através do recurso do “*pop-up*”. Foi uma grande surpresa através dos olhares atentos das crianças e imediatamente o grupo em peso aproximou-se do livro para tocar os personagens que voavam pela noite.

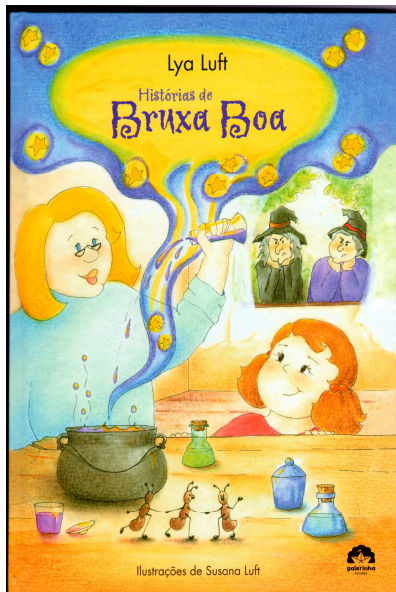
## **2º Encontro – História: Histórias de bruxa boa**

**Resumo:** a história apresenta a relação de uma avó bruxa com sua neta chamada Tatinha. Elas moram em um sobrado onde Tatinha vive com seus pais no andar de cima e a avó mora no andar de baixo. Avó considerada moderna nos dias atuais onde passa boa parte de seu tempo trabalhando no computador, nos momentos vagos deixa sua neta brincar em seu computador ou mostra-lhe um pouco de seus feitiços. Sua identidade mágica é um segredo perante os colegas de sua neta, mas em certo momento ela esquece deste segredo e revela a verdadeira identidade de sua avó, como seus colegas não acreditam então

Tatinha resolve contar umas histórias de sua avó considerada bruxa boa ocorrida contra bruxas rivais consideradas más.

Referência: LUFT, Lya. **Histórias de bruxa boa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2010.

**Figura 2 - Imagem da capa do livro “Histórias de Bruxa Boa”**



**Fonte – LUFT (2010)**

Neste dia após reunir as crianças em um semi-círculo a pesquisadora apresentou o livro “Histórias de bruxa boa” da Lya Luft mas primeiramente houve uma conversa com o grupo para saber se sabiam algo sobre as características descritas nos livros infantis sobre as bruxas. Logo, todos começaram a rir tentando imitar o som que conheciam nos filmes como sendo o de bruxa com alguns gritinhos assustadores e olhos arregalados tentando assustar desta maneira os demais colegas. Após este momento deu-se início a hora do conto, vale lembrar que foi preciso resumir a história, pois nesta faixa etária as histórias devem ser breves e se possível tentar explorar ao máximo as imagens do livro pois as crianças ainda não sabem ler e histórias contadas na íntegra podem tornar-se cansativas para este público por serem muito longas.

Para ilustrar melhor a história a pesquisadora trouxe um objeto semelhante ao caldeirão ilustrado no interior do livro repercutindo em muita surpresa do grupo, logo uma das crianças levantou-se do chão e foi tocar o suposto caldeirão mágico.

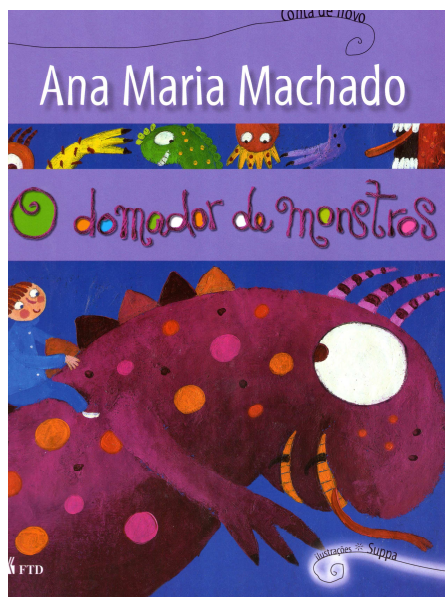
À medida que a história ia sendo contada o grupo permanecia atento e em silêncio, nesta história havia explicações sobre os ratos amigos das bruxas adversárias da avó bruxa da personagem principal onde o lixo acumulado propiciava a proliferação destes roedores transmissores de doenças. Também havia o preparo de poções mágicas para combater as bruxas malvadas retratadas no livro e no desfecho da história quando as bruxas más viraram gelo as crianças imediatamente disseram “*viraram pedra!*” “*bruxas malvadas!*” demonstrando que o bem venceu o mal no final da história.

### 3º Encontro – História: O domador de monstros

**Resumo:** a história aborda o medo de monstro do protagonista Sérgio onde a cada cena quando surge um monstro considerado mais assustador Sérgio “assusta” este monstro com a ameaça de vir outro mais terrível em sua aparência como uma forma de intimidar o monstro que está em seu quarto caso ele insista em encará-lo. As cenas ocorrem à noite quando Sérgio já está em sua cama.

Referência: MACHADO, Ana Maria. **O domador de monstros**. São Paulo: FTD, 2003.

**Figura 3 - Imagem da capa do livro “O Domador de Monstros”**



**Fonte – MACHADO (2003)**

Para este encontro o livro proposto para ser contado para a turma do maternal II foi o “O domador de Monstros” da Ana Maria Machado. O grupo estava

atento e olhos arregalados quando apareceu logo no início da história o quarto do personagem principal (muito escuro por sinal) assim como quando surgiu o menino escondido sob as cobertas de sua cama e maior surpresa foi quando apareceu o primeiro monstro no quarto do garoto, o silêncio era total até começar o jogo entre personagem e monstros onde o menino desafia cada monstro a enfrentar um monstro mais feio como uma forma de enfrentamento de seu medo caso o monstro continue encarando-o.

O grupo começou a ficar mais descontraído com a situação do personagem, até uma das crianças começou a dar risada quando apareceu o monstro verde (na verdade ao fundo da ilustração o personagem principal aparece pulando em cima da sua cama, evidenciando que o mesmo encontra-se brincando com toda a situação).

O grupo também achou engraçado quando um dos monstros apareceu com cinco umbigos assim como no final da história quando aparecem todos os monstros brincando no quarto do personagem e este já está dormindo em sua cama evidenciando desta maneira o conforto de estar em sua cama não se importando com os “intrusos” em seu quarto.

Após o término da história quando a pesquisadora perguntou ao grupo se eles acharam algum monstro estranho uma das crianças disse que todos eram estranhos e começou a relatar um sonho que teve com uma vaca que fazia “muuuuu” e ela tinha medo desta vaca do sonho. Questionados se o quarto deles era parecido com o quarto do personagem uma das crianças disse que sim e que um dia tinha um monstro em seu quarto e ela foi correndo para a cama da mamãe. Falando quase ao mesmo tempo da criança anterior outra criança falou que dormia no quarto da mamãe. Também teve relato de sonhos com a Barbie que tinha poderes mágicos.

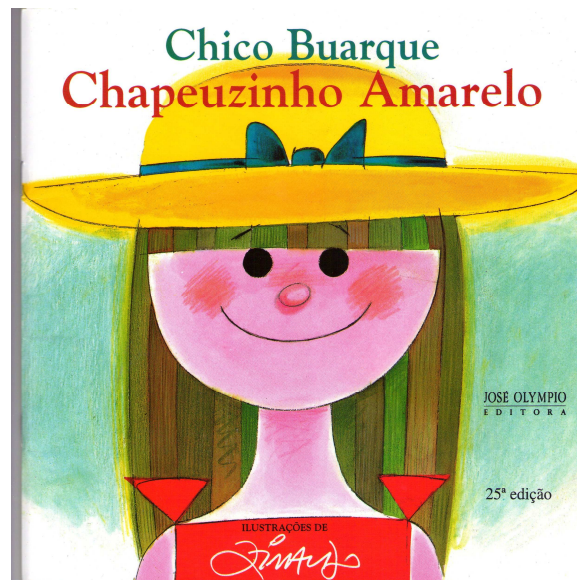
Salienta-se que neste momento de conversa sobre a história e os personagens a maioria das crianças disputava atenção e espaço tentando falar praticamente ao mesmo tempo surgindo inclusive alguns empurrões entre os colegas.

#### 4º Encontro- História: Chapeuzinho Amarelo

**Resumo:** trata de uma menina que tinha medo de tudo, amarelada de medo de ir à festa, de subir escada. Se ouvia conto de fadas, estremecia. Tinha medo de trovão, de minhoca, de pesadelo e o medo mais terrível era o de lobo. Um lobo que nunca se via, sua imaginação permite até de duvidar se realmente este lobo existe ou não. O ápice da história ocorre quando Chapeuzinho Amarelo defronta-se com o lobo e naquele instante o medo se foi e ela ficou somente com o lobo. Neste momento o lobo percebendo que o medo da menina foi embora ele acaba ficando chateado, de tão chateado a impressão que tem é de estar nu, sem pêlo.

Referência: BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

**Figura 4 - Imagem da capa do livro “Chapeuzinho Amarelo”**



**Fonte – BUARQUE (2010)**

Neste dia as crianças estavam um pouco dispersas, pois havia uma criança em adaptação a qual chorava um pouco pedindo por sua mãe. Após algumas tentativas para reunir o grupo no tapete da sala do maternal II e a educadora ter cantado a música da “chavezinha” para que prestassem atenção na



história ficando um pouco mais silenciosos deu-se início a história programada para o dia: Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque de Holanda. Como nesta faixa etária as crianças não dominam o código lingüístico a pesquisadora procurou explorar ao máximo as ilustrações contidas nesta obra. Quando apareceu a sombra da Chapeuzinho Amarelo refletida em imagem de lobo algumas crianças disseram “*deixa eu ver, deixa eu ver!*”. No decorrer da história há uma passagem onde há descrição do que o lobo é capaz de comer como várias panelas de arroz, uma das crianças surpreende-se e fala “*Bá!!!*” e quando chegou na parte da sobremesa outras diziam “*eba, eba!*”

Na seqüência quando aparece o lobo chateado porque a Chapeuzinho Amarelo não tem mais medo dele há muitas conversas paralelas entre as crianças sobre a imagem do lobo triste.

Quando o lobo tenta intimidar a Chapeuzinho Amarelo gritando com ela e mesmo assim não consegue uma das crianças diz “*lobo!*”

No final da história quando aparece os amigos da Chapeuzinho Amarelo todos querem conhecer seus amigos levantando de seus lugares para tocar o livro.

### **5º Encontro- História: Quem tem medo de tempestade?**

**Resumo:** a história se passa em uma noite de tempestade onde a menina retratada na história passa por alguns apuros até descobrir que os estrondos e clarões da noite nada mais são que relâmpagos provocados por uma tempestade. Após descobrir sobre a tempestade e tentar “acalmá-la” mas não surtindo efeito sua “conversa” decide refugiar-se em seu quarto e por último resolve ir embora pegando lanterna, salgadinhos, algum dinheiro. Tudo acalma quando encontra sua mãe na porta do seu quarto e melhora ainda mais quando ela vai para a cama de seus pais.

Referência: JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Nöel. **Quem tem medo de tempestade?**. Tradução de Mônica Stahel e Irami B. Silva. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

**Figura 5- Imagem da capa do livro “Quem Tem Medo de Tempestade?”**



**Fonte: JOLY (2008)**

Neste último encontro o tempo colaborou com a história a ser contada: Quem tem medo de tempestade? De Fanny Joly e Jean-Noël Rochut. Neste dia o grupo de crianças estava mais reduzido devido ao tempo chuvoso onde conforme a professora titular do maternal II é comum em dias chuvosos haver esta redução da frequência do número de crianças. Logo após o grupo estar reunido em um semi-círculo para ouvir a história a pesquisadora lhes perguntou como era o som da tempestade, então todos tentavam imitar o som das trovoadas e o barulho do vento.

O grupo estava atento quando apareceu na primeira página a ilustração de nuvens supostamente zangadas, então as crianças diziam que elas estavam bravas. Após o decorrer da história quando aparece sob a cabeça da personagem principal da história um elefante com aparência de zangado algumas crianças diziam “*bicho!*” demonstrando que ficaram um pouco impressionados com aquela imagem. Olhos atentos quando a menina procurava pela casa o que fazia tanto barulho e as conversas paralelas iniciavam lentamente tentando desta forma descobrir a origem deste barulho com seus colegas.

No final da história todos adoraram quando a menina apareceu com seus pais em sua cama embaixo das cobertas, neste momento algumas crianças diziam que também dormiam na cama da mamãe e uma criança acrescentou que

naquela noite ouviu um barulho de tempestade e saiu correndo para a cama da mamãe e salientou que “*a cama estava bem quentinha!*”

## 9 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DAS HISTÓRIAS TRABALHADAS

O grupo observado apresenta forte vínculo entre si pela semelhança entre as manifestações de medo entre o grupo pesquisado, principalmente quando havia algum comentário em relação as histórias contadas ou quando aparecia alguma imagem considerada diferente para eles como no caso dos monstros coloridos do livro “O domador de monstros”, uma das crianças chegou a rir quando apareceu um monstro verde.

As imagens nesta faixa etária são fundamentais em um livro infantil por isso a exploração do recurso visual até mesmo para tentar captar um pouco de atenção que é natural haver conversa paralela durante a contação de histórias e as imagens que estes livros apresentam são riquíssimas para “chamar a atenção” deste pequeno “leitor”.

Wallon (1975) coloca que o grupo é indispensável para criança tanto na questão social quanto para o desenvolvimento de sua personalidade. Neste sentido há identificação de algumas características que as crianças entre si copiam de seus colegas como atitudes ou até mesmo falas como uma reafirmação deste pertencimento ao grupo. Evidenciou-se este momento quando uma das crianças mencionou os medos que teve quando estava em seu quarto através da seguinte fala *“achou ter visto um monstro em seu quarto então foi correndo para a cama da mamãe”* logo outras crianças também começaram a relatar alguns sonhos com algum animal ou então na fala de outra criança *“tinha sonhado que a barbie tinha super poderes”* como o super herói que salva o necessitado tão comum principalmente no desfecho do enredo das histórias infantis.

Outra constatação foi que nos momentos de apuros dos personagens a expressão facial das crianças mudava demonstrando surpresa e um pouco de medo pelos olhares atentos e apreensivos. Praticamente unânime foi relatar que corriam para a cama das suas mães evidenciando o modo de vida de suas famílias onde muitos são lares onde há apenas um dos pais morando com as crianças ou então o forte vínculo exercido pela mãe onde há o casal.

Observou-se também que as crianças apesar do medo que sentiam de alguns personagens como do lobo e da bruxa em um dos momentos quando ocorria a narração da história da bruxa, as conversas eram de que o bem venceu quando as personagens consideradas más tiveram o que mereciam, pois foram castigadas no final da história e desaparecem da vida da bruxa boa deixando posteriormente de atormentá-la com suas importunações, fato este que evidencia característica típica da fase do desenvolvimento infantil o qual o grupo pesquisado se encontra onde o maniqueísmo faz parte como uma força de reafirmar os valores morais que estão sendo passados para as crianças sendo na família ou na escola.

Na história da Chapeuzinho Amarelo quando aparece os amigos da personagem principal e a maioria das crianças levanta para tocar o livro fica claro que um dos sentidos que é o tato ainda é muito acentuado na sua faixa etária conforme Piaget onde nesta fase do desenvolvimento infantil este grupo está passando da fase sensório-motor para o período pré-operatório mas ainda com forte ligação com os cinco sentidos.

Por conseguinte, de todas as histórias contadas a mais significativa para o grupo foi a última história onde se aborda a questão do medo relacionado à tempestade e ao barulho desconhecido pelas crianças, comprovando a importância da família naquele momento onde a personagem encontrava-se em apuros caminhando pela casa no escuro, por final encontra abrigo na cama de seus pais.

Para muitas crianças daquele grupo não há em sua vivência o retrato da família esboçada naquela página, muitos sequer tem um dos pais vivendo consigo. Apesar da falta desta referência familiar o desejo daquelas crianças é possuir o aconchego de um lar assim como da menina do livro como as respostas dadas pelas crianças após o término da história onde havia em seus olhares a esperança e alegria que coincidiam com a cena do livro - a menina da história tinha uma cama para aquecer-se com seus pais para proteger-lhe. Segundo Corso (2011) quanto mais frágil for a realidade da família, mais exigiremos do mito e mais necessitaremos da fantasia. Contrapondo, a autora também aborda que

quanto mais forte for a família mais fardo ela suportará e seus integrantes terão mais condições de enfrentar os revezes da vida.

Assim, embora aqueles que deveriam preencher papéis da família biológica ou adotiva não assumem suas funções, o ser humano acaba por aceitar que estes papéis sejam preenchidos por outras pessoas como tios, avós, cuidadores.

## 10 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS DO ESTUDO

A aplicação das entrevistas ocorreu nos dias 21 de março de 2011 a 25 de março de 2011 na sala de aula da turma do maternal II, logo após a contação de histórias. Para a realização das entrevistas foi criado um roteiro de três questões que serviu de suporte para a aplicação das entrevistas sendo que estas questões relacionam-se ao tema abordado no enredo das histórias contadas.

Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados utilizou-se somente letras do alfabeto escolhidas aleatoriamente.

Para facilitar a compreensão do contexto em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa traçou-se as principais características de cada sujeito conforme quadro abaixo:

**Quadro 1 - Principais características dos sujeito do estudo**

<b>Sujeito/idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Situação familiar</b>
1. Sujeito P (3 anos e 9 meses)	Feminino	Mora com avó e o pai, mãe abandonou o lar. Quando a avó conseguiu a guarda da neta esta apresentava quadro de desnutrição e anemia. Mora na Ilha Mauá. Mãe com problemas de drogadição.
2. Sujeito W (3 anos e 5 meses)	Masculino	Mora com a mãe e demais irmãos. O pai abandonou a família logo após o nascimento do quarto filho. Mora na Ilha das Flores.
3. Sujeito L (3 anos e 3 meses)	Feminino	Mora com os pais e sete crianças de casamentos anteriores dos pais. Mora na Ilha da Pintada. Pai pescador e mãe gari em uma empresa terceirizada da Prefeitura de Porto Alegre.
4. Sujeito A (3 anos e 5 meses)	Masculino	Mora com mãe e dois irmãos, pais são separados. Mora na Ilha da Pintada.

**Fonte – Patricia Mousquer (2011)**

Com intuito de facilitar o estudo destas entrevistas apresenta-se a seguir um quadro com as respostas dadas pelas crianças descrevendo a aplicação da entrevista e seus resultados.

**Quadro 2 - Respostas das entrevistas realizadas com os sujeitos do estudo**

<b>História Contada: A coruja que tinha medo do escuro</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>P</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim mas não sabe que tipo
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da lua
	Teve medo em algum momento?	De bruxa
<b>W</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim do escuro
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da coruja
	Teve medo em algum momento?	Diz não ter medo de nada
<b>A</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim do escuro
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da coruja
	Teve medo em algum momento?	Do escuro
<b>L</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim de boneca
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da lua
	Teve medo em algum momento?	Do escuro
<b>História Contada: Histórias de bruxa boa</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>P</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim história de bruxa
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da vovozinha
	Teve medo em algum momento?	Medo da bruxa
<b>W</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim da bruxa
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da bruxa boa
	Teve medo em algum momento?	Diz não ter medo de nada
<b>A</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim de bruxa
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da vovó
	Teve medo em algum momento?	Medo de bruxa
<b>L</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim da bruxa
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Da vovó
	Teve medo em algum momento?	Do escuro
<b>História Contada: O domador de monstros</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>P</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou do monstro verde
	Teve medo em algum momento?	Teve medo do quarto escuro do menino
<b>W</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou dos bichos coloridos
	Teve medo em algum momento?	Não.
<b>A</b>	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou do monstro verde e quando o menino começou a dar risada
	Teve medo em algum momento?	Medo do quarto escuro



L	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou do bicho que aparece na capa do livro
	Teve medo em algum momento?	Do escuro e teve medo do monstro marrom
<b>História Contada: Chapeuzinho Amarelo</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
P	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da chapeuzinho amarelo
	Teve medo em algum momento?	Teve medo do quarto escuro da personagem quando a Chapeuzinho Amarelo estava tentando dormir
W	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou quando ela (Chapeuzinho Amarelo) enfrentou o lobo
	Teve medo em algum momento?	Não teve medo de nada
A	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou do lobo colorido
	Teve medo em algum momento?	Teve medo do lobo preto
L	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou da Chapeuzinho Amarelo
	Teve medo em algum momento?	Teve medo do escuro
<b>História Contada: Quem tem medo de tempestade?</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
P	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou quando a menina da história estava na cama com seus pais
	Teve medo em algum momento?	Quando apareceu o elefante
W	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou quando a menina estava embaixo da cama
	Teve medo em algum momento?	Não teve medo
A	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Gostou do elefante
	Teve medo em algum momento?	Teve medo quando a menina andava pela casa para saber o que fazia aqueles barulhos
L	Gosta de ouvir histórias, se sim que tipo?	Sim
	Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?	Quando a menina estava escondida embaixo do cobertor
	Teve medo em algum momento?	Teve medo do elefante

**Fonte – Patricia Mousquer (2011)**

Na primeira questão onde a pergunta versa sobre o gosto das crianças em ouvir histórias todos responderam que sim, que gostavam de ouvir histórias apesar de alguns terem respondido que não sabiam qual o tipo de história, mas os

temas das respostas dadas coincidiam com os assuntos abordados nos livros narrados naqueles dias como é o caso da primeira história “A Coruja que Tinha Medo do Escuro”, os sujeitos do sexo masculino afirmaram gostar de histórias de escuro, já uma das meninas afirmou gostar de histórias de bonecas e a outra não soube responder qual tipo de história gostava de ouvir. Assim como na segunda história “Histórias de bruxa boa”, todos afirmaram gostar de histórias de bruxas, nos demais dias apenas disseram gostar de histórias não demonstrando preferência por temas específicos.

Na segunda questão onde a pergunta versa sobre o gosto por determinado personagem ou parte da história na primeira história “A coruja que tinha medo do escuro” as meninas gostaram da lua, já os meninos gostaram da coruja. Na história “Histórias de bruxa boa” foi unânime a preferência pela avó da história. Já na história “O domador de monstros”, duas crianças gostaram do monstro verde, uma do sexo masculino, outra do sexo feminino, outra criança do sexo masculino gostou dos “bichos coloridos” e outra criança do sexo feminino gostou do bicho que aparece na capa do livro. Na história da “Chapeuzinho Amarelo” as meninas disseram ter gostado da Chapeuzinho Amarelo, já dos meninos um gostou da cena quando a Chapeuzinho Amarelo enfrentou o lobo e o outro menino gostou do lobo colorido.

Por fim, na história “Quem tem medo de tempestade” as respostas foram bem diferentes entre um sujeito e outro como podemos inferir: o sujeito P gostou quando a menina da história estava na cama com seus pais, o sujeito A gostou do personagem elefante, já o sujeito W gostou quando a menina estava embaixo da cama e o sujeito L quando a menina estava escondida embaixo da coberta.

Na terceira questão, relacionada aos medos, de uma forma geral os sujeitos afirmaram ter medo dos personagens considerados assustadores nos clássicos infantis como medo de bruxa, de lobo, assim como medo relacionado ao escuro porque este medo aflora principalmente à noite, uma vez que, ao não perceber o que acontece a sua volta sua imaginação projeta imagens em seus quartos mas que na verdade estas imagens habitam apenas em sua mente.

## 11 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

As entrevistas realizadas com os quatro sujeitos do estudo partiram do propósito de verificar questões iniciais acerca do medo relacionado aos personagens ficcionais mais comuns abordados na literatura infantil e verificar se estas histórias contribuem ou não no apaziguamento destes medos na infância.

Assim, pelas respostas dadas pelos sujeitos do estudo pode-se verificar que a partir da “leitura” destas crianças as imagens onde aparecem personagens que demonstram segurança para os protagonistas das histórias com seus medos são os que obtiveram maior percentual de aceitação pelas crianças, como podemos verificar nas respostas dadas pelos sujeitos onde afirmaram gostar da lua, da avó. Vale lembrar que no caso da lua é esta personagem que consola e incentiva a coruja a ir voar pela noite afirmando que sempre estará por perto como citação da íntegra da seguinte frase da lua: *Eu sou sua amiga. Eu fico lá de cima protegendo você todas as noites.* E na passagem seguinte: *Eu sempre estou lá. Mesmo se você não consegue me ver. Eu prometo a você Eugênia, que sempre estarei lá.* Nestas falas é possível perceber que a lua auxilia a coruja a vencer seu medo da noite conversando com ela como na figura retratada abaixo. Além disso, provavelmente a preferência pela lua dá-se através do estágio pré-operatório descrito por Piaget onde uma das características desta fase seria o animismo, onde a criança dá vida a todos os seres, portanto nesta fantasia a lua realmente tem vida e fala com a coruja auxiliando-a em seu medo.

**Figura 6 - Cena do diálogo entre a lua e a coruja**



**Fonte – “ A Coruja que Tinha Medo do Escuro” (2009)**

No livro “Histórias de bruxa boa” onde as crianças escolheram a avó como personagem que mais gostaram é importante ratificar que nestas famílias onde os sujeitos da pesquisa estão inseridos, o vínculo com os avós é muito forte ou porque assumiram o pátrio poder dos netos ou porque apesar de já terem criado os filhos pelas necessidades diversas como drogadição, desemprego ocasionando falta de renda ou por solidariedade entre os familiares, os avós continuam auxiliando na criação de seus descendentes e para estas crianças eles são de extrema importância para sua sobrevivência. Assim como, segundo Bettelheim (2007) a escolha da criança por determinado personagem leva em consideração a simpatia que este lhe despertou, ela se identifica com o herói bom porque sua condição tem para ela um apelo positivo, assim, quanto mais simples for um personagem bom mais fácil será identificar-se com ele e rejeitar o personagem mal.

No livro “O domador de monstros” a preferência de dois sujeitos pelo monstro verde cabe analisar as imagens retratadas no livro conforme figuras abaixo:

**Figura 7- Sexta cena retratada no livro “O Domador de Monstros”**



**Fonte: MACHADO (2003)**

Na primeira imagem o menino Sérgio começa a demonstrar que está superando seu medo pelos supostos monstros em seu quarto, pois apresenta certa descontração ao pular em cima da cama, as crianças identificaram naquela cena algo que como uma brincadeira porque uma das crianças da turma começou a rir quando apareceu esta imagem na narração desta história. Caldin (2001) aborda que o humor é a rebelião do ego contra circunstâncias adversas que nos causem dor, sofrimento e porque não dizer angústia, sentimento este que aparentemente não há causa originária ocasionando muitas vezes quadros de depressão em adultos e até em crianças.

Já na imagem seguinte como mostra a figura abaixo podemos inferir que o menino está tranquilo e feliz não se importando com a presença do suposto monstro verde. Salienta-se que neste livro cada monstro que surge com aparência mais “bizarra”, o monstro anterior “foge” da cena escondendo-se embaixo da cama ou entrando dentro da gaveta da cômoda do quarto do Sérgio. Para a criança ao ver estas imagens é como identificar-se com o herói dos contos de fadas que apesar das diversidades em sua trajetória no final acaba vitorioso através da conquista da moçinha, derrotando seu inimigo, vencendo seus medos. Assim, é

possível constatar que um dos componentes da biblioterapia que vem a ser a catarse ocorreu com o menino Sérgio, pois as cenas demonstraram o alívio da tensão que é o objetivo deste componente.

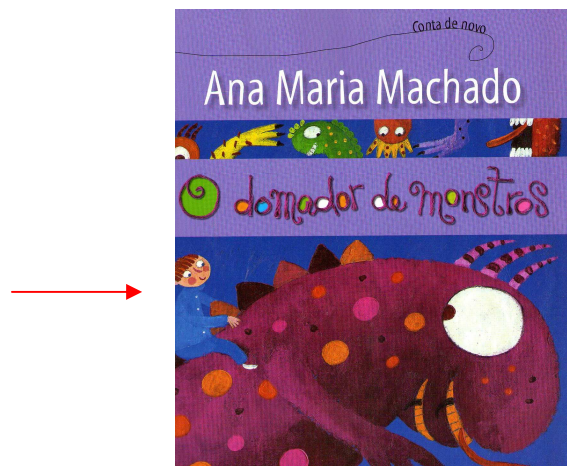
**Figura 8- Décima cena retratada no livro “O Domador de Monstros”**



Fonte: MACHADO (2003)

Além da preferência pelas cenas acima um dos sujeitos optou pela capa do livro onde também podemos inferir a superação do medo pelo menino conforme imagem abaixo:

**Figura 9- Imagem da capa do livro “O Domador de Monstros”**



Fonte: MACHADO (2003)

Na história da Chapeuzinho Amarelo o sujeito W afirmou ter gostado quando a menina enfrentou o lobo, porém este sujeito não demonstrou com suas palavras, apenas apontou com o dedo para a cena retratada nesta página conforme figura abaixo.

**Figura 10- Cena onde aparece Chapeuzinho Amarelo enfrentando seu maior medo**



**Fonte: BUARQUE (2010)**

Referindo-se aos problemas existenciais Bettelheim (2007) aborda que a criança necessita que lhe sejam fornecidas sugestões em forma simbólica de como resolver seus dilemas propiciando-lhe amadurecimento com segurança. Assim, a pessoa que não se intimidar e enfrentar as provações inesperadas da vida certamente sairá vitoriosa dominando estes percalços de sua existência. Por isso que esta imagem carregada de simbologia onde a partir do momento que Chapeuzinho Amarelo enfrenta seu maior medo e então descobre que o “medo do lobo” virou apenas lobo descaracterizando a temida figura que habita o imaginário de muitas crianças.

Semelhante a esta constatação outra criança apontou que o lobo colorido foi a parte da história que mais gostou, mas por quê? Seriam as cores que gritam aos olhos de uma criança? Talvez seja a aparência do lobo que demonstra frustração porque sua importância dá-se pelo fato das pessoas sentirem medo do lobo mas quando Chapeuzinho Amarelo perde o medo dele é como se sua existência fosse questionada sendo inclusive comparado no livro a imagem do lobo com o bolo de aniversário com direito a velinha e tudo com “língua de sogra”, refrigerante, fazendo desta forma um jogo de palavras com as palavras lobo e bolo ficando assim **LOBOLOBO**. Qual criança não gosta de festa de aniversário? Assim, o lobo perdeu sua importância para a menina de aparência frágil e angelical, até na altura dá um certo medo deste personagem ao defrontar-se com seu maior medo mas esta fragilidade é aparente e a partir da superação de seu maior medo Chapeuzinho Amarelo volta a brincar porque seu medo era tanto que sequer conseguia dormir ou fazer o que as crianças adoram: brincar, apenas brincar.

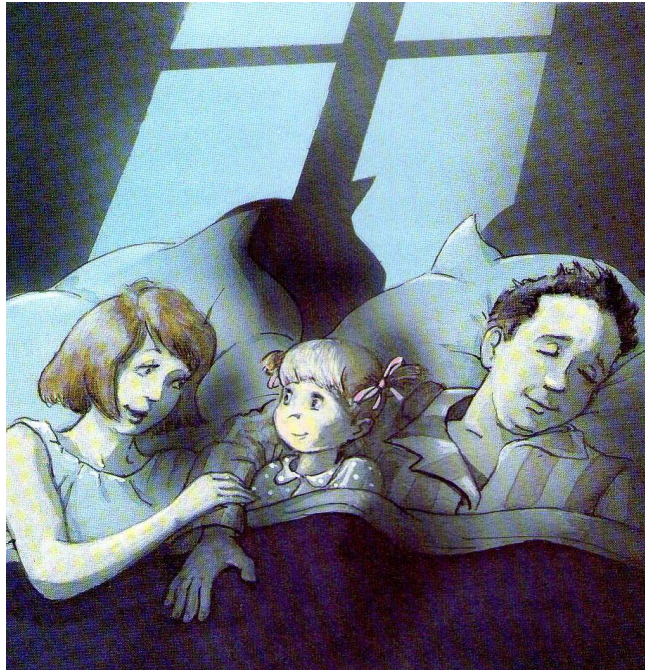
Bettelheim (2007) menciona que a criança normal começa a fantasiar a partir de um segmento de realidade observado podendo lhe causar angústias. Nesta história a imagem passada para a criança permite entendimento porque segundo o autor esta linguagem imagética é a única capaz de fazer a criança ler sua mente antes de atingir a maturidade intelectual.

Na última história “Quem tem medo de tempestade?” a maioria dos sujeitos optou pela cena onde a menina da história encontrava “abrigo” embaixo da cama ou então embaixo do seu cobertor. Um dos sujeitos acrescentou em seu comentário “*que fazia igual à menina*”, ou seja, escondia-se também embaixo do cobertor quando tinha algum tipo de medo.

Porém, das cenas mais significativas para este pequeno público foi a que a menina encontra abrigo na cama de seus pais após sair pela casa a procura da origem de todo o barulho descobrindo posteriormente se tratar das trovoadas relacionadas à tempestade que ocorria como podemos comprovar pela figura abaixo:



**Figura 11- Cena onde a menina encontra “abrigo” na cama de seus pais**



**Fonte: JOLY (2008)**

O sujeito P afirmou “*parece com a mamãe e o papai*” porém este sujeito há muito tempo não tem a mãe em sua convivência, apenas lembranças de um passado remoto mas que para a criança pequena isto não faz a menor diferença porque seus pais são importantes e entender as atitudes dos adultos não faz parte de seu desenvolvimento infantil, para ela a mãe deve estar viajando ou trabalhando muito mas que um dia certamente voltará para ela. Desta forma, Wallon (1975, p. 167) aborda que:

Há vários meios misturados dentro de um indivíduo, alguns são vergonhosos, outros vantajosos, alguns são renegados outros são ambicionados, logo a existência dos meios reais pode ser duplicada na criança por juízo de valor ou por aspirações imaginativas, no desenrolar dos quais ela opõe a situação onde queria estar à sua e o caso dos outros ao seu próprio destino. Os meios onde a criança vive e os que ambiciona são o molde que dá cunho à sua pessoa.

Para Corso (2011) os laços amorosos são a fonte para o desenvolvimento infantil onde se constrói a identidade, pelo fato de sermos

amados e desejarmos o amor de nossos pais que acabamos muitas vezes parecendo com eles, contudo caso esta mãe deseje outras coisas ao invés de seu filho abre-se um espaço vazio onde antes o amor materno oferecia a base destes sujeitos. Apesar desta ausência, para a criança ela é temporária porque seu desejo é sim ter os pais juntos dela independente da realidade mostrar o contrário.

Brazelton (1994) aborda que como algumas crianças já estão “ganhando” certa independência porque já estão dormindo nas suas camas em seus quartos é comum esta ausência dos pais produzir certo medo pela aparente solidão porque não podem contar com a presença mais próxima de seus pais ao dormir. Esta dependência poderá causar um conflito em suas mentes porque em um momento “já sou moçinho” para dormir sozinho, porém em outro sinto falta da presença de meus pais.

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordar os medos na infância com crianças tão pequenas? De que forma o adulto pode auxiliar na superação dos medos infantis sem ser piegas, moralizador ou então tentar bancar o super-herói que tenta salvar aquele sujeito em apuros? A literatura infantil funciona como suporte para trabalhar estes medos de forma clara, sem rodeios porque os conflitos pelos quais os personagens passam apresentam uma simbologia que para a criança que ainda não possui amadurecimento intelectual consegue compreender o drama vivenciado pelos personagens nas histórias.

A identificação das crianças com as histórias demonstrou que primeiro, histórias são instrumentos que fortalecem o desenvolvimento infantil porque contribuem na resolução de seus problemas sentimentais, pois em muitas histórias infantis aborda-se em seu enredo a conexão com a realidade de suas vidas. Segundo, falar sobre nossos problemas auxilia no processo de alívio de nossos temores e facilita quando alguém nos escuta nos dando segurança para continuarmos em nossa luta pessoal.

A criança que não tenha em casa suporte familiar para falar sobre seus problemas pode contar com atividades relacionadas à biblioterapia em outro ambiente como na escola. A convivência com outras crianças e com educadores facilita a integração dela ao grupo desenvolvendo sentimento coletivo de pertencimento as características pessoais e coletivas daqueles sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa demonstraram que além de gostar de ouvir histórias seus medos relacionam-se aos típicos de sua fase de desenvolvimento infantil e aqueles peculiares de sua vivência como é o caso do medo da separação dos pais projetando em seus ideais o sonho de se ter uma família plena e feliz.

Desta forma, as histórias que se aproximaram de sua realidade retratadas nos livros “O domador de monstros” e “Quem tem medo de tempestade?” foram as mais significativas porque na primeira história o menino Sérgio enfrenta seu medo contra os monstros que habitam em seu quarto mas sua coragem somente aparece após ter se escondido embaixo do cobertor onde o

sujeito W afirmou fazer igual apesar de negar em todas as histórias que não sentiu medo. Na segunda história o sujeito P relatou que a imagem da menina obtendo abrigo na cama de seus pais, simbolicamente representou o ideal de ações esperadas em relação aos seus medos, sempre poder contar com alguém, de preferência de seu vínculo familiar.

No diálogo estabelecido entre os diversos autores percebeu-se que a família coesa e unida independente de sua estrutura for composta por todos integrantes da família, pois apesar de viverem em famílias monoparentais os sujeitos da pesquisa agarram-se aqueles que permaneceram com eles, embora muitos familiares desconhecem os processos conflitantes pelos quais as crianças possam estar passando.

Sendo assim, neste estudo de caso, é na escola que propiciará auxílio para a superação dos medos infantis porque conta-se com equipe especializada? Nem sempre, as vezes a doação dos educadores, a preocupação pelas crianças é o único recurso disponível para estes seres pequenos e em desenvolvimento que acima de tudo precisam de carinho e afeto para crescer plenamente.

Assim, contar histórias auxilia na superação dos medos na infância porque de uma forma simples aborda estes medos fazendo com que a criança se identifique com os conflitos pelos quais esteja passando. É a transferência destes sentimentos que farão com que gradualmente o processo de cura e o alívio da tensão que a catarse, componente biblioterapêutico, seja contemplada de forma eficiente e eficaz.

## 13 CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu constatar algumas preponderações.

Até que ponto o profissional bibliotecário enquanto disseminador de informação está apto a seguir na trajetória que além de propiciar informação ao usuário tenha em sua formação acadêmica um foco mais voltado para questões sociais? A pesquisa acadêmica em tese deveria levar o conhecimento científico para aqueles que sequer possuem laços afetivos sólidos com intuito de oferecer-lhes a âncora em suas adversidades e a bússola norteadora dando-lhes as diretrizes na busca da solução de seus problemas.

Através deste trabalho pode-se inferir que a biblioterapia aliada a profissionais como o bibliotecário, com formação preparada para auxiliar, por exemplo, equipes pedagógicas nas escolhas de materiais relevantes do acervo, pois o olhar do bibliotecário mediador de leitura nesta questão, leva em consideração o contexto do usuário e da comunidade a ser atendida em qualquer projeto a ser implantado, tanto na biblioteca pública, privada, escolar, universitária, especializada, comunitária.

As histórias trouxeram os medos aflorados principalmente na infância onde os sujeitos do estudo ainda não possuem o amadurecimento intelectual necessário capaz de compreender a origem de seus conflitos, por isso é necessário contarem com o apoio da família, da escola, da comunidade onde vivem.

Apesar de o trabalho estar ancorado em teóricos como Piaget, Wallon e Vygotsky também foi necessário pesquisar em áreas como a pediatria com aporte teórico do médico pediatra Brazelton onde foi possível encontrar especificamente estes medos na infância, mas este estudo não encerra por aqui, sendo necessário novas pesquisas e abertura de novos estudos principalmente na área da Biblioteconomia.

Assim, a vulnerabilidade social dos sujeitos do estudo relacionada às condições econômicas e afetivas de cada cidadão poderá ser beneficiada com a contribuição científica através de ações voltadas para estes sujeitos com o método

biblioteconômico, pois a biblioterapia poderá auxiliar na qualidade de vida dos sujeitos, inclusive recuperando os laços perdidos através da utilização de livros e outros materiais em um programa de leitura dirigida prescrito como terapia auxiliar no tratamento de seus conflitos. Se este público for crianças, esta ação deverá contemplar livros próprios adequados ao seu desenvolvimento infantil que abordem os temas relacionados às suas características pessoais como faixa etária e o contexto social deste sujeito.

Desta forma, o bibliotecário deve ser um agente social na busca da elevação da qualidade de vida do usuário levando acima de tudo informação, afeto, atenção e ter a capacidade de se doar.

## REFERÊNCIAS

**A CORUJA** que Tinha Medo do Escuro. Tradução: Fábio Teixeira. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2009. Não paginado.

ANTUNES, Celso. **O Jogo e a Educação Infantil**: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BASSANI, Valéria D. Sartori. **Porto Alegre Desigual**: os vários retratos de uma metrópole. [Estatística da Gerência de Informações da Secretaria de Coordenação Política e Governança Local da Prefeitura Municipal de Porto Alegre]. Porto Alegre: [S.L.], 2009. Disponível em: <<http://http.www.poars.gov.br>> Acesso em: 28 ago. 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BRAZELTON, T. Berry. **Momentos Decisivos do Desenvolvimento Infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BRAZELTON, T. Berry; SPARROW, Joshua D. **Três a Seis Anos**: momentos decisivos do desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

BUENO, Silveira. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: pequenos segredos da narrativa. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BUSSO, Gustavo. **El Enfoque de la Vulnerabilidad Social em el Contexto Latinoamericano**: situación actual, opciones y desafíos para las políticas sociales a inicios del siglo XXI. Chile: CEPAL, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A Aplicabilidade Terapêutica de Textos Literários para Crianças. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 18, 2. sem., 2004. Disponível em: <<http://www.ufsc.br/>> Acesso em: 20 maio 2010.

\_\_\_\_\_. A Leitura como Função Terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 12, , 2001. Disponível em: <<http://www.encontros.bibli.ufsc.br/edição>> Acesso em: 20 maio 2010.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Silvia Helena. Competência Social e Empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Estudos de Psicologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2000.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A Psicanálise na Terra do Nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, Miriam Vieira da. O Papel Social do Bibliotecário. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 15, 1. sem., 2003. Disponível em: <<http://www.ufsc.br/>> Acesso em: 25 maio 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA [UNICEF]. **Situação Mundial da Infância 2008**: caderno Brasil. Brasília: [s.n.], [2009?]. Disponível em: <http://www.unicef.org.br> Acesso em: 10 set. 2010.

GLOSSÁRIO ALA DE BIBLIOTECOLOGIA Y CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN. Madrid: Ediciones Diaz de Santos, S.A., 1988.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. São Paulo: Vozes, 2003.

JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Nöel. **Quem Tem Medo de Tempestade?**. Tradução de Mônica Stahel e Irami B. Silva. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygostky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Lya. **Histórias de Bruxa Boa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2010

MACHADO, Ana Maria. **O Domador de Monstros**. São Paulo: FTD, 2003

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORENO, Simone Denise; BONOTTO, Martha Eddy k.K.(Or.) **A Biblioterapia Hoje:** um estudo teórico e retrospectivo sobre o uso da leitura como função terapêutica. 2004. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso.- Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, 51 f.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade.** São Paulo: Ática, 1995.

PIERUCCINI, Ivete. **A Ordem Informacional Dialógica:** estudo sobre a busca de informação em Educação. 2004. 232 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Documentação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PORTO ALEGRE. [Prefeitura Municipal]. **Observa POA:** observatório da cidade de Porto Alegre: conhecendo a realidade da criança e do adolescente da cidade e das regiões. Porto Alegre: [S.L], 2007. Disponível em: <<http://http.www.poars.gov.br>> Acesso em: 28 ago. 2010.

PORTO ALEGRE. [Prefeitura Municipal]. **Relatório sobre Indicadores de Pobreza Multidimensional e Pobreza Extrema para Porto Alegre.** Porto Alegre: [S.L], 2007. Disponível em: <http://http.www.poars.gov.br> Acesso em: 29 ago. 2010

QUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia.** São Paulo: Loyola, 1996.

TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes. MORO, Eliane Lourdes da Silva (Or.). **O Papel da Contação de Histórias como Biblioterapia:** a experiência do projeto "Histórias na Creche" do Núcleo da Hora do Conto- FABICO/UFRGS na Creche da Instituição Amigo Germano em Porto Alegre-RS. 2004. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso.- Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, 80 f.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Editora Estampa, 1975.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**APÊNDICE- MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS  
SUJEITOS DO ESTUDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA  
**2011/1**

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTUADA

Sujeito:

Gênero:

Idade:

Situação familiar:

- Sobre a atividade de contação de histórias

Gosta de ouvir histórias? Que tipo?

- Sobre a história

Qual o personagem e/ou parte que você mais gostou?

- Sobre o medo

Sentiu medo em algum momento?